A
CENA
MUDA

Nº 12 ★ 24-3-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil



NESTE NÚMERO:

GENE KELLY, UM INOVADOR DOS MUSICAIS E DO «BALLET»

★

UM IDIOMA UNIVERSAL: O BEIJO!

★

OS VULTOS HERÓICOS E AS LENDAS

★

UM ROMÂNTICO CASAL

ERT TAYLOR Metro Goldwyn-Mayer

1849

Mande os seus filhos á ESCOLA!



109



110



111



112

O ANALFABETO É UM ESCRAVO CÉGO QUE QUANTO MAIS OUVE FALAR EM LUZ, MAIOR LHE PARECE A ESCURIDÃO EM QUE VIVE.

109 28 a 33 Cr$ 150.00 — 34 a 40 Cr$ 195,00. Sapato colegial-esportivo, adotado pelas principais escolas do País. (ótimo Bezerro prêto ou marrom). Saltos de Borracha.

110 Até 27 Cr$ 100,00 — 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 39 Cr$ 150,00. Sapato colegial-esportivo em vaqueta preta ou verniz. Saltos de Borracha.

111 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 40 Cr$ 150,00. Sapato cem por cento colegial, para moças, em superior vaqueta preta, C/ Saltos de Borracha. Um grande sapato!

112 28 a 32 Cr$ 148,00 — 33 a 37 Cr$ 150,00. Ótimo sapato para meninos e rapazes, em superior vaqueta preta.

Remetemos para todo o Brasil. Porte 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

insinuante

é a maior e melhor sapataria da America Latina, é tambem uma galeria á sua disposição com agua geladinha sempre as suas ordens.

AT. SEMOG

A CENA MUDA

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo

CENA nº 12, de 24/3/1954

★

CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

Um romântico casal 7
Fred McMurray conta o despertar da sua carreira 10
Vultos Heróicos femininos e as lendas 14
Êsse idioma universal: o beijo 16
Um inovador dos musicais e dos bailados 22
80 pré-estréias do Festival 26
Quadro de honra do mês de fevereiro 9

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-estréias — «Júlio César» .. 3
Cinema brasileiro 4
De todo o Mundo 8
Curiosidades e «close-ups» ... 12
Segredos da tela 13
Novela das imagens 20
Cartazes em revista 30
Rádio 32
Página do leitor 33
Cine respostas 33

A NOSSA CAPA

ROBERT TAYLOR
(M.G.M.)

★

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

	Cr$
Número avulso em todo o território nacional	4,00
Número atrasado	4,50
Assinatura anual (52 números)	200,00
Assinatura semestral (26 números)	100,00
Assinatura anual sob registro	230,00
Assinatura semestral sob registro	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	180,00



PRÉ-ESTRÉIA

3,5 — JÚLIO CÉSAR

(Apresentado no Festival de São Paulo)

Júlio César foi uma das grandes figuras da história. Além dos seus memoráveis feitos como general romano, deixou impressionantes marcas nas letras, ciências e artes. Entretanto, a imortal figura de Shakespeare, na sua peça teatral, de cinco atos, «Júlio César», resolveu empalidecer o seu vulto. Além de as suas pequenas fraquezas terem sido acentuadas houve, ao contrário, uma exacerbação das inegáveis qualidades de Brutus, Cássio e outros. O gênio de Shakespeare buscou, apenas, os fatos anteriores ligados ao seu assassínio, a fim de escrever um das suas clássicas páginas. Embora tôda a grandeza de poesia trágica da obra, històricamente deixa a mesma a desejar. Mesmo porque, além dêste inexato espelho do extraordinário Júlio César, outros fatos foram alterados. Entre tantos exemplos, pode ser citado o caso da morte de Brutus. Em verdade, foi assassinado por ordem de Marco Antônio e não, conforme nesta versão, de suicídio, atirando-se à espada de um dos seus comandados. Portanto, o merecimento aproveitável em imagens foi, tão sòmente, o contacto com os gloriosos pensamentos de Shakespeare.

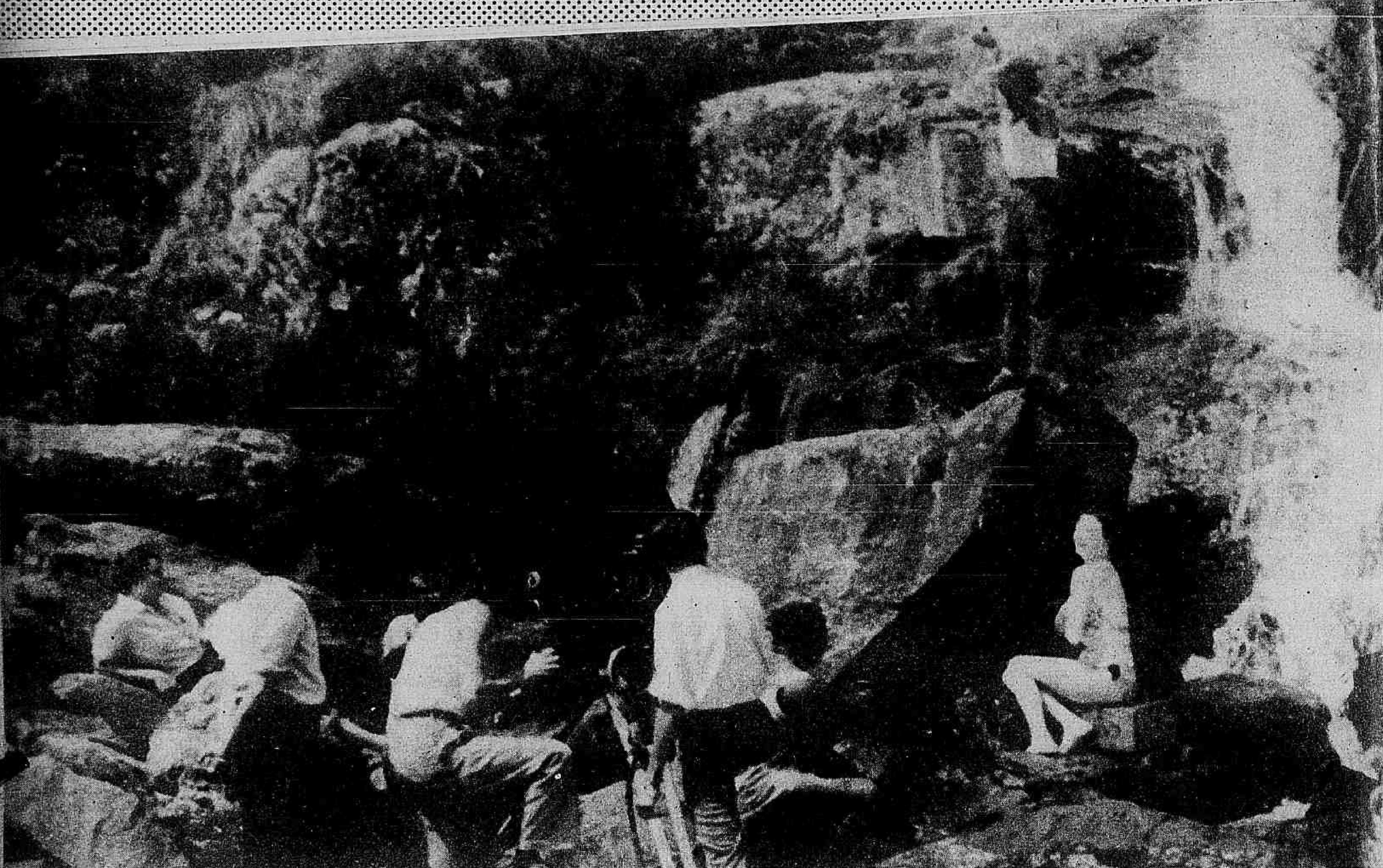
A Metro, que ùltimamente se especializou em filmes tìpicamente comerciais, resolveu, ao comemorar seus trinta anos de atividades efetuar um celulóide com alta dignidade. E o conseguiu, embora o filme não possa agradar à massa. O público poderá ter as suas razões e merece o seu respeito. O filme é puramente teatro filmado e, por fugir aos motivos da sétima arte, pode sofrer, até certo ponto, justas restrições. Entretanto, não deve existir barreiras aos pensamentos. Também as obras com acentuado vínculo da ribalta podem inspirar algo de bom. No caso presente há uma outra prerrogativa que distancia o filme dos espectadores. E' impossível sentir a beleza dos diálogos apenas com a deficiência e sintética tradução dos letreiros. Por várias vêzes, os monólogos substituem qualquer idéia de ação e tanto êles quanto o espírito geral de todo o fraseado sòmente pode ser assimilado no idioma original.

A alta qualidade dos desempenhos valoriza ainda mais o propositado ritmo teatral, bem impôsto pelo diretor Mankiewicz. Contudo deparamos com sérias e infundadas restrições de certos pseudo-críticos. Tôdas as várias circunstâncias acima, desculpáveis para a massa em geral, não o são para determinada parcela que, afinal, não pode emitir opinião sôbre muitas coisas e, particularmente algo transposto de Shakespeare. Todos os atores contribuem para o clima de densidade de tragi-poesia da obra original. O maior ator do teatro inglês, John Gielgud, está extraordinário como Cássio e adjetivos semelhantes merecem James Mason (Brutus), Louis Calhern (Júlio César), Marlon Brando (Marco Antônio). Em plano imediato, mas ainda muito bons, relativamente às oportunidades, estão Edmond O'Brien (Casca), Debora Kerr (Portia) e Greer Garson (Calpúrnia). Um produtor independente (David Bradley) realizou, em 1952, um filme, esta mesma peça de Shakespeare, não exibido no Brasil. Finalmente, hosanas para a fotografia e «décors» de Edward Garfagno. Embora o filme ainda pudesse ser melhor — se fôsse vazado em amplexo com o cinema, conforme o foi o excepcional «Hamlet», ainda é obra digna de aplausos.

JONALD

CINEMA BRASILEIRO

de SANIN exclusivo para "A CENA"



Cena de filmagem de «Floradas na Serra», vendo-se ao fundo Ilka Soares.

SETE DIAS EM REVISTA

Findo o Festival que nos prendeu à paulicéia por tantos dias, aqui voltamos hoje ao rame-rame nacional, falando de coisas menos ecléticas, mais positivas talvez, e provàvelmente mais tristes. A pequena produção nativa cada dia está menor. Falta filme virgem que era comprado a Cr$ 4,00 e, hoje, anda pela casa dos Cr$ 20,00, desafiando a bôlsa e a boa vontade que ainda havia em alguns raros produtores. A solução mais simples e aparentemente mais eficaz até agora encontrada foi suspender a produção. Quem tem alguns metros de entusiasmo e um níquel no fundo do bôlso, por amor ao cinema e aos temas nacionais juntam-se num grupo orientado por Nelson Pereira dos Santos e lançam-se ao «cinema de equipe». As primeiras cenas foram filmadas enquanto no interior do estádio do Maracanã quando o «team» brasileiro fazia fôrça e promessa para vencer os chilenos. Do elenco fazem parte além de Jece Valadão, Roberto Batalin, Alcebíades Ghéu, as atrizes: Érica, estreante que fará o papel de grã-fina, a cantora Cláudia Morena e Marlene Silva, cuja primeira experiência cinematográfica ocorreu em «Rua sem Sol», de A. Viany. Gente nova, portanto, quase tôda ela. Modesto de Souza vai prestar sua colaboração de veterano ao grupo prestigiando, com sua experiência e fama, a geração que marca seus primeiros passos. Em S. Paulo, Maurício de Barrod conclui «Cinco Ladrões», para a Cia. Cinematográfica Cruzeiro do Sul, cuja produção, direção, atuação, estiveram a seu cargo. Maurício de Barros foi ator antes desta primeira experiência diretorial. Disse-nos, por sinal, está muito entusiasmado com seu trabalho e já estuda as possibilidades para um próximo filme. A Cia. Cinematográfica Cruzeiro do Sul tem planos pantagruélicos, como soem ser os planos vários de muita emprêsa que se inicia. Carlos Ortiz escreve um dicionário de têrmos técnicos empregados no Brasil. Colecionou dois mil verbetes, inclusive têrmos de gíria empregados em estúdio, palavras aportuguesadas e em sua forma original que são adotadas pelos cineastas brasileiros. Esta primeira obra no sentido da sistematização de uma termologia cinematográfica completará a biblioteca dos trabalhadores e escritores que militam no nosso cinema. Êste trabalho, assim como a indicação por uma comissão competente do têrmo adequado a cada expressão estrangeira usada em cinematografia, há muito fazem-se necessários. Berliet Júnior prepara para a Atlântida um argumento inspirado em

Adelaide Chiozzo, John Herbert e Violeta Ferraz na comédia «O Petróleo é nosso», dirigido por Watson Macedo, cujo lançamento é aguardado.



sua vida de legionário. Provàvelmente o filme será dirigido por Carlos Manga cujo «Nem Sansão nem Dalila» foi grande bilheteria, tendo permanecido três semanas em cartaz nos cinemas paulistas.

Entre os ecos do Festival, noticia-se a ida de Ruth de Souza para Itália, Mariza Prado para Espanha (se Fernando deixar), Leitão de Barros e Manuel Mur Oti para o Brasil e muitas outras coisas que vocês saberão brevemente.

SANIN OPINA SÔBRE O FESTIVAL

No país onde qualquer coisa que se faça é necessàriamente a primeira, a segunda senão a maior do mundo, organizou-se um programa de televisão de 24 horas (o segundo de tal duração em todo o mundo) para combater o Festival e salvar o cinema nacional! E, realmente, tal foi a convicção e a repercussão em tôrno dêste programa, que o próprio sr. Lucas Garcez, que oferece almoços de confraternização às delegações presentes, que assina verbas destinadas à manutenção das Festividades incoerentemente passou a oferecer parte de seus vencimentos para a suposta salvação do cinema nacional. E atores, diretores, produtores que nunca prestaram apoio a qualquer realização, inclusive Congressos de classe como foi o recentemente realizado em São Paulo, e onde nem sequer apareciam, arvoram-se em «salvaguardadores da nossa cinematografia».

O Festival de Cinema não primou pela organização de seus serviços. Pelo contrário. Nenhum dos seus programas foi



Paulo Maurício e Margot Morel numa das cenas de «Almas em Conflito», segunda produção da Sacra Filmes, dirigido por Rafael Mancini e que estreará ainda êste mês nos cinemas Metro.



respeitado; os horários modificados para atender interêsses particulares de determinadas delegações isto quando não eram transferidos alguns dos programas sem que o público tomasse conhecimento. Freqüentemente duas solenidades do mesmo cunho e que interessavam sòmente a um determinado grupo de estudiosos eram marcados simultâneamente isto quando ambas não eram transferidas «sine-die», etc. Mas, apesar disso, o Festival deixou resíduos que devem ser considerados antes de uma crítica destrutiva e total. Uma delas e de grande importância são os regimes de co-produção que estão sendo estabelecidos por alguns produtores estrangeiros e algumas companhias nacionais. O diretor e produtor espanhol, sr. Manuel Mur Oti, em declarações especiais à nossa reportagem, manifestou sua determinação de transferir-se com capitais particulares e aparelhagem a fim de estabelecer no Brasil uma produtora para realização de filmes de distribuição internacional. Surgiram contratos de co-produção e, no campo cultural, as retrospectivas cumpriram um inestimável serviço.

FALAM OS INTÉRPRETES DE «NOBREZA GAÚCHA»

Estas páginas, consagradas ao cinema brasileiro, publicaram no dia 24 de fevereiro p.p. as declarações dos intérpretes do filme «Nobreza Gaúcha», nas quais os atores se queixavam amargamente da produtora alegando, inclusive, falta de pagamento de honorários devidos. Agora, recebemos uma resposta da Sacra Filmes de cujo teor transcrevemos apenas os trechos correspondentes às respostas às acusações feitas pelos intérpretes deixando de lado apenas outros motivos, de ordem pessoal. Vejamos os referidos trechos da carta da Sacra Filmes:

«Moça realmente de talento artístico, Maria Fernanda, entretanto, prima pelo seu desequilíbrio e temperamento agressivo, a par de uma indisciplina a tôda prova. Quanto ao senhor Jece Valadão, tôda a equipe foi testemunha de sua violência contra o diretor, tentando mesmo agredi-lo, quando o sr. Mancini dirigia uma cena, só não o fazendo porque elementos da equipe interferiram. Apesar de tudo o senhor Mancini, perdoou-o e lhe deu uma segunda oportunidade, pelo fato de se ter mostrado e haver assumido o compromisso de manter uma atitude correta durante as filmagens, o que não se deu.

Com respeito ao senhor Emílio Castelar, apenas se solidarizou, estranhamente, com a indisciplina de Maria Fernanda e as violência do senhor Valadão, não querendo prosseguir nas filmagens, rompendo assim, automàticamente, como os outros o fizeram, o contrato que havia firmado conosco.

Temos documentos que rebatem as acusações contra nós assacadas e estamos promovendo a responsabilidade criminal de todos os três».

Jardel Filho e Cacilda Becker, intérpretes de «Floradas na Serra», da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, formam a dupla romântica da peça «Leito Nupcial», atualmente em cartaz em um teatro de São Paulo.

UM ROMÂNTICO CASAL





Yves Montand e Simone Signoret encontraram as imortais regiões.

de MARIA HELENA, exclusivo para "A CENA"

Em St-Paul de Vence, pequena e romântica cidade da Côte D'Azur, onde poderão ser encontrados frequentemente artistas, entre poetas, pintores e atores, casaram-se à moda de Provença dois conhecidos nomes ligados à arte na França: Yves Montand e Simone Signoret.

Isto aconteceu em 1952 e ainda continuam felizes!

Yves Montand é de há muito conhecido no Brasil, através de suas notáveis interpretações da música popular francesa. Muito querido na França, onde todos gostam não só de ouvir, mas de ver Yves cantar, pois muito comunicativo irradia simpatia, tornando-se assim um dos mais famosos cancioneiros de Paris.

Tornou-se intérprete ideal das maravilhosas canções da dupla Prévert-Kosma, e imprime um caráter todo pessoal às canções sem contudo cair num exagêro que poderia prejudicar a linha original da obra.

O simpático cançonetista não limitou suas atividades artísticas sòmente à canção popular e acabou se dedicando ao cinema. Apareceu há bem pouco tempo nas telas cariocas em «Paris é sempre Paris» cantando com sua fabulosa expontaneidade e saciando também a curiosidade do fã.

As suas experiências cinematográficas foram muito mais além e Yves teve o papel principal no famoso filme «Le Salaire de la peur» (O salário do mêdo»), ainda inédito para nós. (O realizador é o não menos famoso Henri G. Clouzot). A mil dólares por cabeça, quatro homens, partem juntos num caminhão, com um carregamento de nitro-glicerina destinada a extinguir o fogo que se propagava nos poços de petróleo. Quatro homens que através dos áridos caminhos, levam consigo perigosa carga. São quatro homens que têm mêdo. Sua existência é miserável, mas querem viver e êsses mil dólares significam um avião ou um barco, e a evasão daquele inferno!

Yves Montand, o herói do filme, encarna o personagem Mário.

Será mais um personagem que não poderá ser olvidado pelo fã de cinema, do bom cinema, pois trará por certo tôdas as características emocionantes do realismo. Yves Montand tornou-se então um grande ator da tela, e a crítica estrangeira é unânime em colocar a sua «performance» entre as melhores do moderno cinema francês.

Sua espôsa Simone também é bastante conhecida dos brasileiros, principalmente depois de ter sido vista encarnando Dédée D'Anvers.

Antes de ser estrêla fôra figurante e depois de durante muito tempo trabalhar no anonimato, consegue um papel de projeção.

No inédito «Casque D'Or», é a heroína terna e cruel ao mesmo tempo, e torna trágico o fim de todo o homem que a ama. Disputada por muitos provoca verdadeiras contendas, pois todos querem conseguir o seu amor e, diante da concorrência, usam os punhos! Apesar de, na película, permanecer com um modesto vestido gasto e velho conserva o seu provocante «charme» natural . . .

A história de «Casque D'Or» foi extraída por Jacques Becker de uma crônica criminal da época de 1900.

O simpático casal possui por coincidência a mesma idade isto é, trinta e dois anos, com poucos meses de diferença.

Conheceram grandes dificuldades antes de se tornarem famosos... Ela morava em Paris e vivia muito modestamente, para se sustentar trabalhava como dactilógrafa.

Êle morava em Marselha, onde quase passou miséria trabalhando como estivador.

Atualmente moram em Paris, num belo apartamento, antiga livraria, que dá para uma praça de aspecto provicinano... do outro lado avista-se a margem esquerda do Sena, justamente onde Simone passou a maior parte de sua juventude. Aprecia-se à janela os «péniches» que sobem o Sena no meio da bruma, apitando, como os vapores que vão deixar o pôrto.

No vasto estúdio do primeiro andar, há belos «bibelots» que cantam a partida: um compasso naval, uma miniatura de farol, navios e barcos. Simone colou figuras de pássaros nas paredes brancas de seu apartamento, como as figuras chinesas que guarneciam seu costume de sêda ao dia de seu casamento.

Na velha chaminé, queima-se um feixe de lenha, o **pick-up** perto da janela toca discos de Yves Montand. No outro extremo há um piano onde o simpático cantor ensaia suas canções e onde Simone vez por outra toca as suas árias prediletas...

DE TODO O MUNDO

Serviços especiais para «A CENA», coordenados por L. BOLSHALSER

Louis Jourdan e Claude Dauphin, contratados pela TV americana, organizam uma série de programas intitulada «Terra natal», onde os famosos «astros» focalizam diversos aspectos da França. As emissões têm tido sucesso estrondoso.

Antes de partir para a Europa, Humphrey Bogart fêz importantes declarações à imprensa: «Nenhuma das «estrêlas» atualmente populares, disse êle, têm «sex-appeal». Marilyn Monroe, Jane Russell e Gina Lollobrigida são mulheres incompletas, mulheres de busto. Quanto a mim, sou um homem que considera a silhueta de costas de grande importância». E êsse marido perfeito acabou concluindo que a única «estrêla» que realmente tem «sex-appeal» é Lauren Bacall.

No intervalo do seu filme para a RKO, Ann Sheridan diverte-se, alimentando os patos que serviram para algumas filmagens.

FRANÇA

Gisèle Pascal, «estrêla» do cinema francês que conquistou Gary Cooper quando o famoso ator visitava Paris, anda atualmente muito atarefada. Durante o dia, trabalha em um filme, «Ma femme est une panthère», do lado de Nicole Courcel e Gina Manès. À noite, desempenha juntamente com Fernand Gravey, o principal papel de «Frère Jacques», grande sucesso da temporada teatral parisiense.

Yvonne De Carlo será, na França, «La Castiglione», ao lado de Paul Meurisse, como Napoleão III. Para o papel do anarquista que deve jogar uma bomba em cima do imperador, fala-se em Georges Marchal ou Raf Vallone.

Morreu Yvonne de Bray, primeira dama do teatro francês, exatamente poucos dias antes da estréia no Brasil de «Somos todos assassinos», um dos seus últimos desempenhos cinematográficos. Popular atriz de teatro, Jean Cocteau «descobriu-a» para o cinema, dando-lhe um bom papel em «Além da vida», como a mãe do anão Achilles. Sua melhor oportunidade cinematográfica, deve-a também a Cocteau; foi na versão cinematográfica da peça teatral de Cocteau em «Parents terribles», onde mme. de Bray como a mãe ciumenta de Jean Marais, teve um grande desempenho. Yvonne de Bray integrava atualmente a companhia de Madeleine Reanaud e Jean Louis Barrault, e dois dias antes de seu desaparecimento, vitimada por um colapso cardíaco, ela pisara no palco, nada fazendo prever o trágico desenlace.

Foram iniciadas as filmagens da primeira película francesa em relêvo. O sistema de óculos polaróide é o empregado, e o filme intitula-se «Soirs de Paris». A «estrêla» é a conhecida cantora Dany Dauberson, que já fêz várias temporadas de sucesso nas «boites» cariocas. Direção de Jean Laviron.

ESTADOS UNIDOS

O pequeno Christian Fourcade, «astro» infantil do filme de Bing Crosby, «Little boy lost», acaba de receber a medalha de honra do «Parents' magazine» pela sua atuação naquela película. Esta é a primeira vez que tão alta distinção foi atribuída a uma criança e a um ator não americano.

GRÉCIA

Causou grande sensação em Atenas a presença de Martine Carol, que aí foi apresentar «Belles de nuit» num espetáculo de gala em benefício das vítimas dos sinistros das ilhas. Conta-se que em Atenas já se diz, para designar uma bela mulher: «Ena Carola», ou seja «Uma Carol».

ÁFRICA

Chegou a Toggourt a equipe francesa de «Trois hommes vont morir». O elenco, onde figura o nome de Gérard Landry, atuará sob as ordens de René Chanas. A produção será rodada em côres.

ALEMANHA

Pela terceira vez «Film-Revue», revista alemã especializada em cinema e impressa em Baden-Baden, distribuiu um prêmio intitulado «Bambi». Êsse prêmio é dado ao «astro» ou «estrêla» eleitos os mais populares entre o público alemão. Desta feita, o «Bambi» coube a Ingrid Bergman, o que vem acrescer sua vasta coleção internacional de prêmios cinematográficos.

BÉLGICA

O novo ídolo romântico do cinema inglês, Anthony Steel, atualmente integrando a delegação inglêsa ao Festival de Mar del Plata, apresentará seu penúltimo filme «Malta story». Steel veio especialmente da África, onde estava interpretando «West of Zanzibar», e desembarcou na capital belga bronzeado pelo sol africano. Imediatamente iniciou a «conquista» da cidade, descobrindo as delícias da vida noturna, encantando-se com as moças belgas, e, como não podia deixar de ser, visitando os animais africanos do famoso circo «Royal».

Cecil B. de Mille anda todo «bobinho» por causa do talento de Audrey Totter. Após repetidas homenagens, convidou-a para um dos seus próximos grandes espetáculos sôbre a terra...





«Somos todos assassinos», o melhor filme de fevereiro, sem dúvida uma excepcional obra cinematográfica.

O QUADRO DE HONRA do mês de Fevereiro

A MELHOR ATRIZ DE FEVEREIRO: LILI PALMER, PELA SUA CONDUTA EM «LEITO NUPCIAL».



FILMES

1º — «SOMOS TODOS ASSASSINOS», França, 5 pontos excepcional.

2º — «ROMA ÀS 11 HORAS» (Itália), 4 pontos, ótimo.

3º — «SALTIMBANCOS» (Estados Unidos), 4 pontos, ótimo.

INTÉRPRETES

ATORES: 1º — Marcel Moulodji («Somos todos assassinos»); 2º — Rex Harrison («Leito nupcial»); 3º — Fredric March em «Saltimbancos».

ATRIZES: 1º — Lili Palmer em «Leito Nupcial», 2º — Gloria Grahame em «Saltimbancos»; 3º — Lucia Bosé, em «Roma às 11 horas».

TÉCNICOS

Diretor: André Cayatte em «Somos todos assassinos»; músico: Dimitri Tiomkim em «Leito Nupcial»; fotógrafo: Jean Bourgoin em «Somos todos assassinos»; roteiro: De Santis, Zavattini e outros em «Roma às 11 horas».

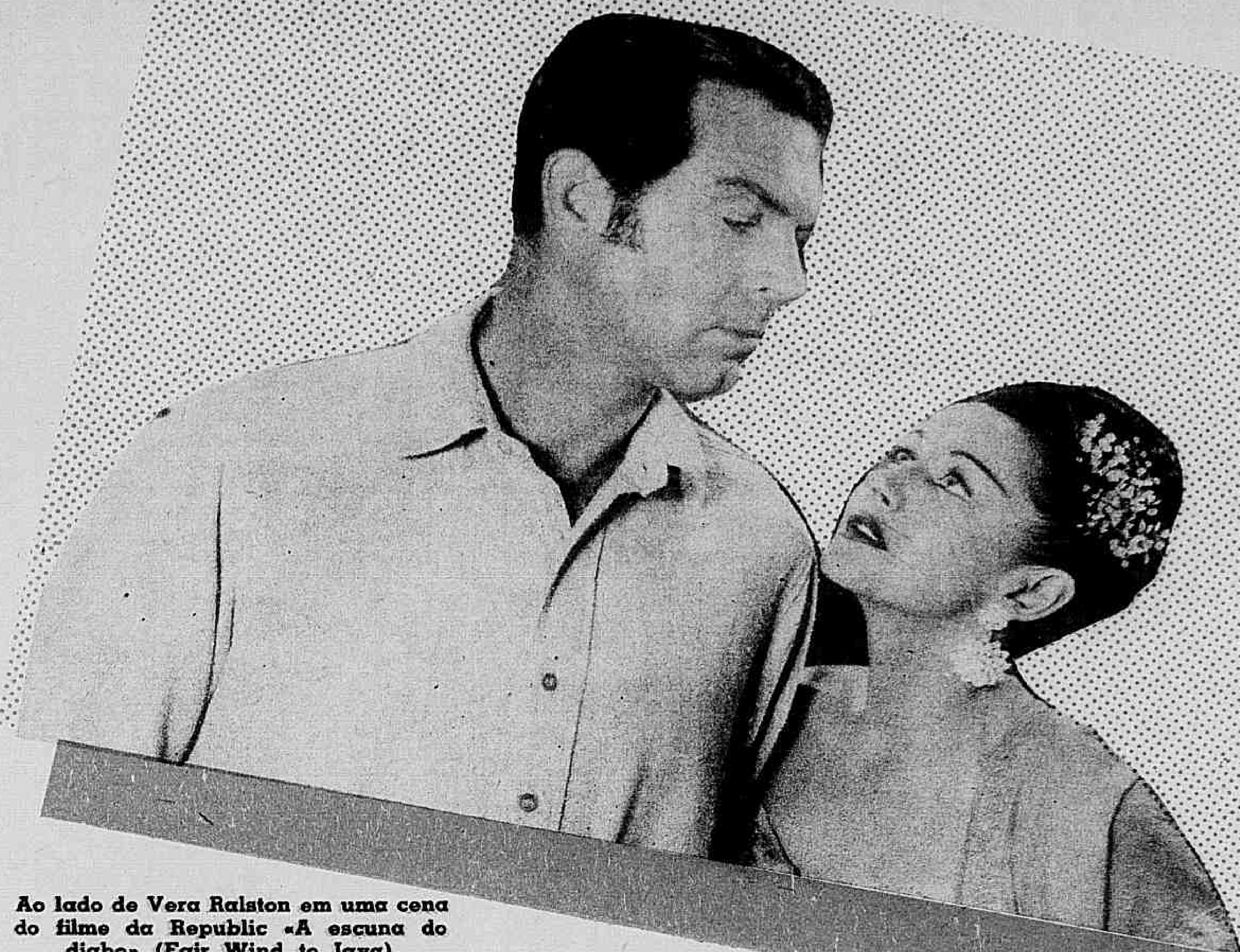


Durante a sua estada no Brasil, ao lado de Edward G. Robinson, brincando em tôrno de uma foto de June Have. Até mesmo através de retratos, Fred referia-se com entusiasmo à sua jovem eleita. Pudera não!

SENSACIONAL!

FRED MC MURRAY CONTA O DESPERTAR DA SUA CARREIRA

Nasci nos Estados Unidos, na cidade de Kankakee, situada no Estado de Illinois, numa ensolarada manhã de 30 de agôsto. Meu pai, um grande violinista, costumava dar concertos de violino em várias cidades, sempre acompanhado de minha mãe. Foi numa dessas «tournées» que se deu o grande acontecimento: nasci! Algum tempo depois a família resolveu fixar residência na cidade de Madison, que recordo como a verdadeira terra natal. Ali passei os melhores anos da infância. Transferimo-nos todos, mais tarde, para Illinois onde cursei a Academia Militar de Quincy, demonstrando algumas aptidões para o atletismo e desenho. Guardo até hoje o «croquis» de um cavalo que me valeu a conquista do primeiro lugar num concurso de desenho e o prêmio de 75 centavos... A família voltou para Madison e passei a frequentar a escola secundária. Ganhei dez medalhas em torneios atléticos e quando me graduei, com dezesseis anos apenas, era o mais jovem diplomado da turma. Nos períodos de férias escolares trabalhei em diversos lugares, inclusive numa fábrica, enlatando peras, até juntar dinheiro suficiente para adquirir um saxofone. Aos poucos fui-me tornando um saxofonista, tão adestrado, que atuava simultâneamente em três orquestras! Devido a isso desisti de seguir com estudos superiores. Dediquei-me inteiramente à música. Durante um ano atuei à noite, em várias orquestras de Chicago e, durante o dia, ia de casa em casa vender aparelhos elétricos. Algumas horas antes de iniciar o meu trabalho noturno nas orquestras, frequentava o Instituto de Arte de Chicago, aperfeiçoando-me em desenho e pintura.



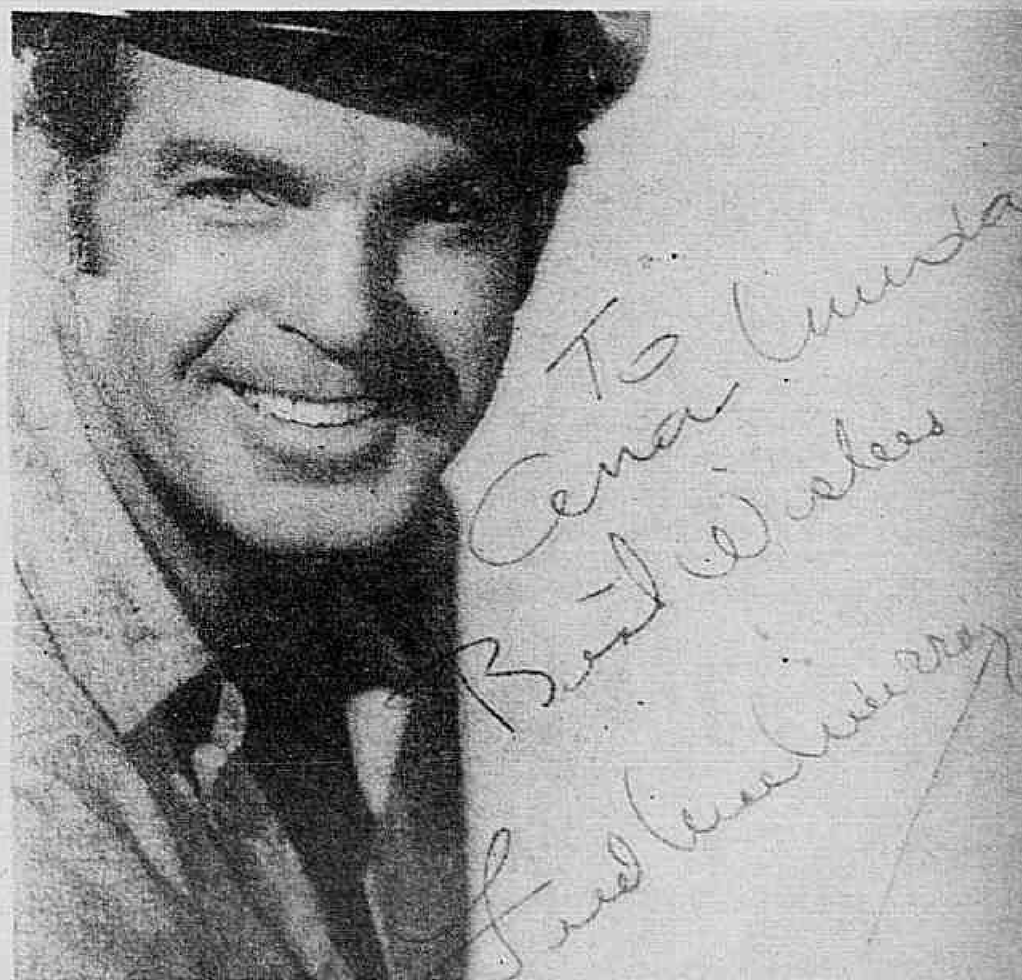
Ao lado de Vera Ralston em uma cena do filme da Republic «A escuna do diabo» (Fair Wind to Java).

No decorrer do ano de 1928, fui com minha progenitora visitar alguns parentes residentes em Los Angeles, e, como íamos ficar algumas semanas, aceitei um emprêgo para ganhar 20 dólares semanais, vendendo carros usados. Entretanto, o meu patrão fugiu com todo o dinheiro antes que recebesse qualquer pagamento.

Foi, então, que resolvi tentar o cinema. Procurei o Departamento de Empregos do estúdio da Fox. Dei o nome para figurar como coadjuvante e, com surprêsa, fui colocado na lista dos preferidos. A primeira chamada que recebi foi para figurar no filme «estrelado» por Sue Carrol e Dixie Lee, «Girls Gone Wind». Não foi um negócio tão bom quanto esperava, pois tive que alugar uma casa por 3 dólares, para aparecer no filme, e isso foi justamente a metade do pagamento que recebi pelo desempenho no mesmo. Desisti, por isso, do cinema e voltei a tocar saxofone, desta vez cantando também, com uma «forte voz de barítono!» Minhas músicas favoritas, naquela época, eram «After a Milion Dreams» e «I'm in the Market for You». Fiz também gravações em discos. Naqueles tempos eu era conhecido como Rex Beach porque, numa das orquestras em que atuei substituí um homem chamado Beach.

Seguindo com uma orquestra, chamada «Collegians» para a Broadway, a fim de atuar nas revistas musicais «Three's a Crowd», fui notado pelos «descobridores de talentos» da Paramount, que me ofereceram um contrato de seis meses, com essa emprêsa produtora de filmes, e mandado para Hollywood! Foi justamente na época que se buscava um galã para atuar com Claudette Colbert em «Lírio Dourado». Tanto o diretor Wesley Ruggles, como Miss Colbert, simpatizaram com o meu «jeitão» despreocupado. O resto, todos sabem.

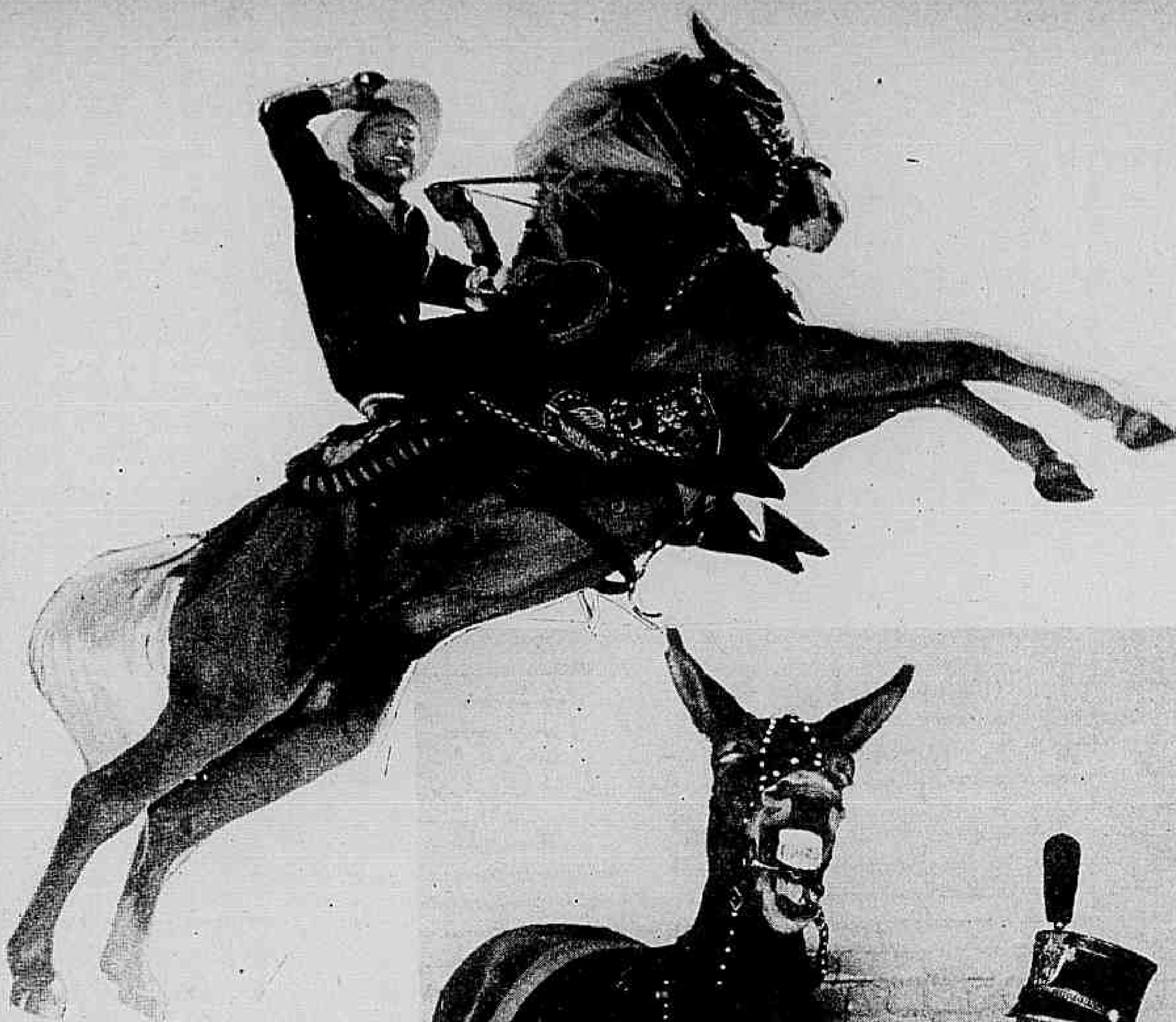
Um autógrafo que dedicou especialmente para esta revista.



Curiosidades e close-upS

ANIMAIS ATORES, OS APELIDOS E DIVERSAS EXCENTRICIDADES

De **Marien**, exclusivo para **«A Cena»**



«Tiger», o belo cavalo de Roy Rogers tem «desempenhado» muitos papéis de importância para glória de seu proprietário.



Francis, o mulo, que de tanto falar, terminará por mancar.

Existem em Hollywood muitos animais atores, como Tiger de Roy Rogers; Francis, o mulo que fala; Jackie, o leão criado a leite, para filmes de Tarzã e quando precisam do mesmo. Skeeter, a galinha inteligente que segundo ordens ela se deita, voa, bate as asas, cacareja e fica em cima de uma só perna; Zoro de 7 anos, que se diz ser o cão mais inteligente de Hollywood e, finalmente, outro cachorro, Prince Carl III, que já apareceu em muitos filmes no natural e como tigre, leopardo, pantera e num último filme lutou ferozmente com um elefante.

APELIDOS

Os apelidos são muito citados em Hollywood. Jack Pallance recebeu o apelido de «O rosto mais cruel de Hollywood», e com muita razão. Tab Hunter é chamado de Marilyn Monroe de calças curtas. June Allyson entre os amigos é chamada de papagaio, devido a atriz saber imitar os mais variados sotaques.

EXCENTRICIDADES

Aspectos exêntricos de «astros» existem muitos, mas veremos alguns que têm seus motivos. O jovem ator Richard Allan «dá sorte» com água. Depois de sair da Universidade trabalhou numa lavanderia. Sua primeira oportunidade no cinema foi no filme «Um lugar ao Sol», onde fêz a «doublagem» para o ator Monty Clift, nas cenas de água. Em seu último filme «Torrentes de Paixão», êle beija deliciosamente Marilyn Monroe, numa cena perto das quedas do Niagara, e morre afogado no mesmo... Keith Andes tem sorte com as moléstias, conheceu sua linda espôsa quando estava hospitalizado. A doença de Alfred Drak deu-lhe a oportunidade de ser descoberto pela RKO, que o contratou para trabalhar em «Só a Mulher Peca» (Clash by Night) e «Split Second».

Anne Francis conheceu seu marido, Bamlet Lawrence Price, quando foi despejar sua lata de lixo no incinerador do edifício. Houveram amabilidades, e daí para frente...

Olivia de Havilland, veio a saber depois de alguns meses, que era a quinta espôsa de seu atual marido, Marcus Goodrich! E' autêntico o caso mas, em Hollywood diz-se que a desculpa de Marcus era de que perdera a conta!

Anthony Dexter foi escolhido entre ... 70.000 candidatos ao papel de Valentino. Joan Leslie foi contratada pela Warner, devido ser excelente dançarina. No seu primeiro filme «High Sierra», ela faz o papel de uma moça com perna de pau... A esbelta Jan Sterling na idade de 14 anos pesava 66 quilos! Clifton Webb sofre de enjôo de avião, enjôo de navio, enjôo de automóvel e não gosta de ser muito importunado. Para a filmagem de «Three Sailors and a Girl», o departamento de aquisição de extras da Warner, fêz o seguinte anúncio: Precisa-se para o filme, um marinheiro gordo, um marinheiro magro, um marinheiro forte, um marinheiro cínico, um marinheiro nervoso, um marinheiro sulista e um simples marinheiro... John Wayne que foi no cinema, da infantaria, cavalaria, marinha e fôrça aérea, nunca foi menos que tenente. Mas em «Sands of Iwo Jima», êle é um sargento. O primeiro salto de Jack Holt no cinema foi pular de um barranco de 35 pés de altura, a cavalo. (Quebrou duas costelas). Fred Astaire tem uma filmoteca de tôdas as suas danças. A Fox não contratou um jovem (hoje ator) para trabalhar numa «doublagem» porque o mesmo tinha sotaque sulino. O rapaz com esperanças de entrar no cinema, entrou numa Academia, para concertar o sotaque. Tempos depois o mesmo estúdio contratou para um filme onde tinha que fazer o papel de um rapaz sulino. Êste rapaz é o «bonitão» Rory Calhoun... Audrey Totter é a rainha de empréstimos de Hollywood. Sob contrato da MGM, Audrey filmou: «Uungspected»; na Warner fêz «The Saxon Charm»; na Universal fêz «Alias Nick Beal»; na Paramount fêz «The Setup»; na RKO fêz «Any Number Canplay»... A versátil Marie Windsor é pintora, escultura, poetisa, costureira, cozinheira, e também é atriz, joga tênis, esquia, nada e patina. Instrumentos, toca apenas saxofone... Marjorie Main foi trazida a Hollywood para esbofetear Humphrey Bogart, no rosto. Isto aconteceu em 1937.

Os efeitos usados para conseguir-se esta cena foram os seguintes: maquete da cidade, boneco articulado e dupla exposição para o personagem humano.

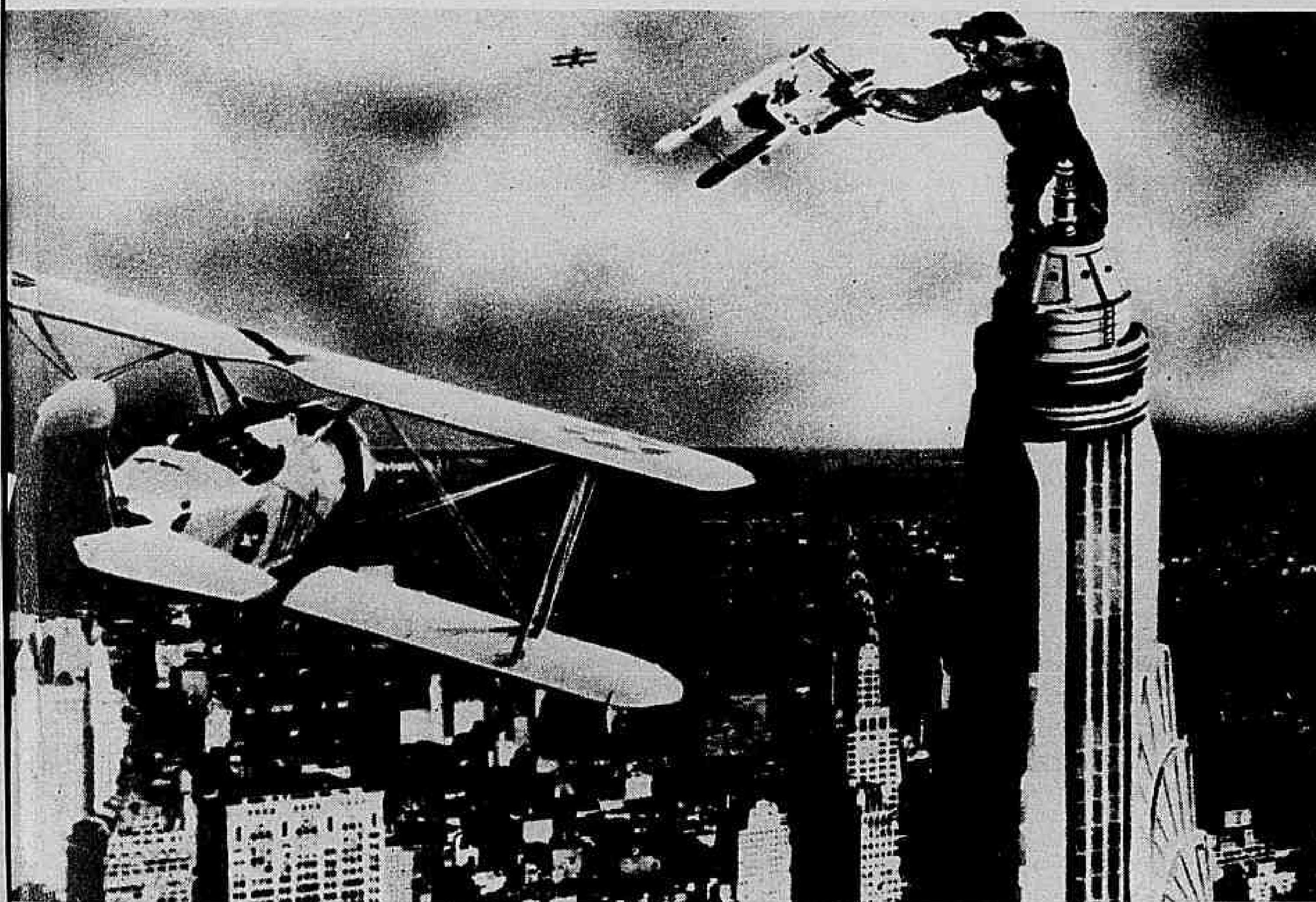
SEGRÊDOS DA TELA

MONSTROS DE BRINQUEDO

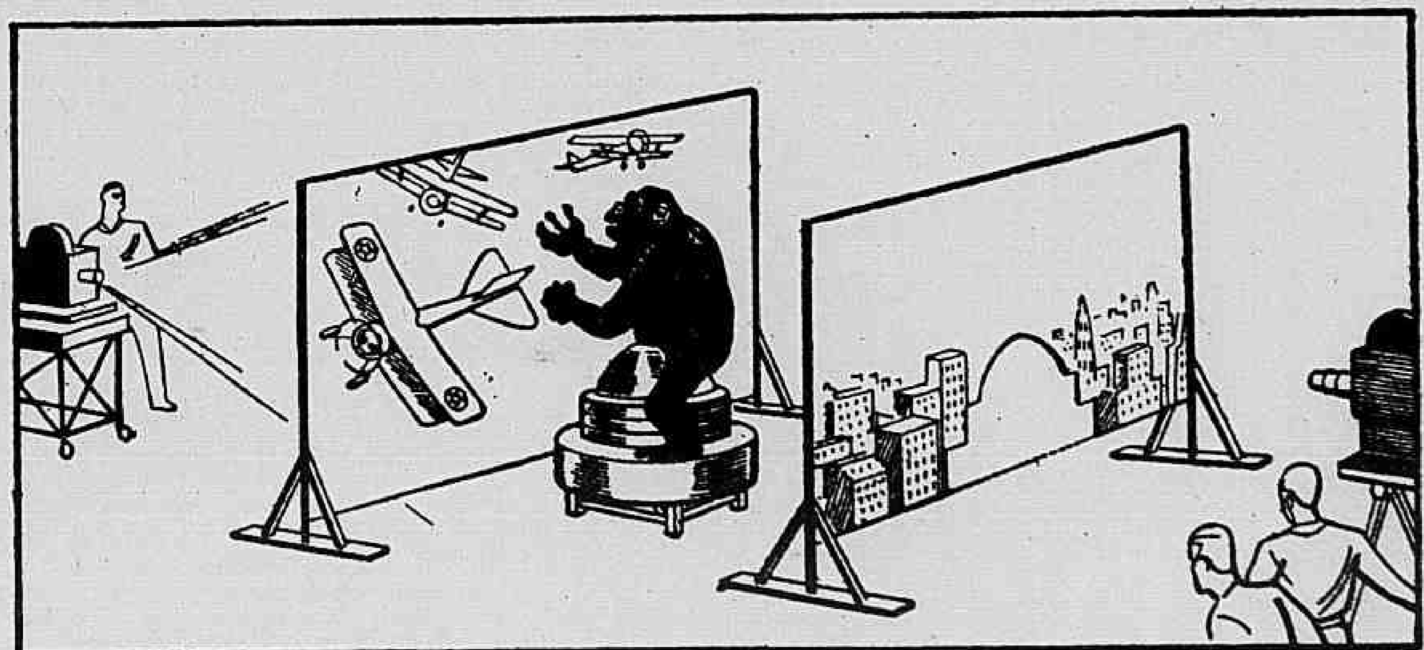
Há vinte anos atrás, o público surpreendeu-se com a exibição de «King Kong», de Merian C. Cooper e Ernest Schoedsack. Para esta película, seus realizadores trabalharam durante dois anos, no maior sigilo, fechando as portas dos estúdios aos curiosos. Quando do lançamento, apesar de o filme ser estruturado em história fraca, surpreendeu e intrigou aos que o assistiram, a maneira como foi realizado. Passados alguns anos e com o conseqüente adiantamento técnico do cinema, os truques empregados caíram no conhecimento de todos que lidam com os «efeitos especiais».

Na realidade, o monstruoso «King Kong» com seus 25 metros de altura, nada mais era que um boneco articulado de 30 centímetros. As cenas eram tomadas com câmaras especiais que registravam uma fotografia por vez (ao contrário de 24 por segundo como é habitual), sendo o tempo entre uma fotografia e outra utilizado na modificação da posição do boneco. Êste processo de trabalho é responsável pela demorada realização do filme. Quando uma parte do animal aparecia, eram utilizados elementos fragmentários aumentados à escala necessária. Para a cena em que o gorila arranca as vestes de Fay Wray, foi utilizada uma secção articulada do braço que, sòmente ela, media cêrca de 7 metros. Além disso, socorreram-se seus realizadores de várias outras técnicas entre as quais: máscaras, sôbre-impressão, tela transparente, etc.

Como vêm os leitores, os «monstros» do cinema são na «realidade» brinquedos incapazes de assustar crianças.



King Kong destrói os aviões, alojado no alto de um edifício de Nova York, mas (vide estampa seguinte)



... na realidade, êste efeito dantesco é conseguido utilizando-se simultâneamente uma miniatura no primeiro plano, uma maquete reduzida (segundo plano) e, finalmente, a projeção em tela transparente. O conjunto é filmado pela câmara situada à direita da gravura.

VULTOS HERÓICOS FEMININOS E AS LENDAS

A Lucrécia Borgia de Martine Carol — Marguerite, de "A Dama das Camélias" terá, em Micheline Presle, nova figuração

(De H. Andersen, exclusivo para A CENA)



Micheline Presle não tossirá em «A Dama das Camélias»



Martine Carol, justificará a crueldade de Lucrécia Borgia?



Um previlégio dos atores, muitas vêzes defendido com galhardia, é aquêle de emprestar sua figura a personagem de lenda, um herói do passado ou uma vida de um qualquer — algum herói anônimo de todos os dias... Assim cada herói ou heroína vê prolongada a sua vida na mente e na imaginação da multidão que assiste aos espetáculos de cinema ou teatro!

Procuram impor a sua ternaura ou a sua maldade, com traços precisos, e fixar-se no coração da assistência, que muitas vêzes se vê realmente cativada, apaixonada com o drama, a vida, as emoções daqueles que estiveram tão próximos em expressivos «close-ups». Jamais se sentiriam tão intimamente ligados ao trágico ou ao alegre de vidas alheias, construídas e romanceadas e tornadas em imagens...

Assim a história dos heróis e heroínas do passado, dos quais não se pode precisar até que ponto a lenda os envolve, se forma e se deforma segundo a época em que nos é „contada." Apesar disso, essas constantes metamorfoses constituem uma condição que lhes garante a perenidade.

Lucrécia Borgia, de Christian-Jacque, segundo êle mesmo confessou, mostra-se bem afastatda da heroína das lendas. Não se trata de criá-la de acôrdo com as histórias contadas através de quatro séculos, mas de conservá-la próxima aos traços humanos!

Diz-se que Christian-Jacque pretendeu fazer uma «reabilitação» da bela envenenadora! Neste mesmo número A CENA divulga, nas «80 pré-estréias»,, se conseguiu ou não...

Lucrécia será no filme dura e cruel mas esta crueldade é a de seu tempo e assim lhe ensinara o seu irmão. Se ela encontra prazer em presenciar o sofrimento alheio, se é inacessível à piedade, encontrará entretanto no seu amor por Aragon a «reabilitação» para todos os seus crimes, que segundo os autores da película, foram cometidos pela época que a formou.

E para isso dizem ter partido de bases sólidas isto é estudado vinte trabalhos de autores italianos de então.

Martine Carol empresta sua figura a nova Lucrécia, talvez mais próxima ou mais afastada da verdadeira Lucrécia. Quem nos dirá?

Depois de tantas Lucrécias uma com a figura de Edwige Feuillère outra muito parecida com Paullete Godard, aparece agora Martine Carol que dizem dar à personagem um ar de grave beleza!

Marguerite Gautier ou Marie Duplessis, que Dumas imortalizou na «Dama das Camélias», teve no cinema vários rostos, diferentes belos e até mesmo feios. Quem viu Garbo criando uma maravilhosa Marguerite, jamais pensará em Marguerite sem emprestar-lhe o rosto de Garbo.

Até Yvonne Printemps, (a quem Pierre Fresnay, o grande ator francês, dedicou tôda a sua vida), foi também Marguerite Gautier.

E Edwige Fueillère que também foi uma terrível Lucrécia, luxuriosa e fria, emprestou a sua figura e viveu com alma a infeliz Marguerite.

A mais recente Marguerite terá a aparência exterior de Micheline Presle, a infeliz amante de «Adúltera».

E Micheline levou tão a sério a sua nova interpretação que cuidou dos mínimos detalhes que as vêzes são de capital importância. Assim correu até a um especialista em tuberculose para saber como deveria agir e se seria obrigada a tossir em demasia,. o que realmente poderia se tornar na

(Cont. na pág. 34)



Cecile Aubry viveu uma das heroínas mais freqüentes da tela: Manon Lescaut («Anjo Perverso»).

ÊSSE IDIOMA







O beijo é via de regra ato de consentimento mútuo. No afã de procurar nova feição para êste «idioma universal», os diretores dão tratos à bola. No flagrante vemos Jerry Lewis sendo «vítima» de um beijo. Há muitas maneiras de sentir o assunto e basta, apenas, virar as duas páginas seguintes coloridas, a fim de o assunto ser compreendido.

UNIVERSAL: O BEIJO

I — OS BEIJOS IRREVERENTES



O beijo cômico: Bob Hope e Joan Caulfield em «Monsieur Beaucaire».



de MARIA LUIZA, exclusivo para "A CENA"

O beijo tem sido o recurso mais usado pelo cinema, quando se trata de exprimir o amor. Não se compreende uma cena romântica sem beijo, do mesmo modo que não existe filme sem o letreiro FIM, indicando a conclusão.

O beijo oferece muitas vantagens, que explicam sua presença indispensável nos celulóides. Em primeiro lugar, é uma linguagem universal, que dispensa letreiros e traduções. O beijo pode ser mais eloqüente do que um diálogo de meia hora de duração! Não deixa de representar economia de película e desprêzo pela palavra, usando apenas o recurso visual, precisamente a forma ideal de cinema.

Êle tem servido também para contornar as limitações impostas pela censura e pela discrição, entrando como elemento sugestivo.

A carreira do beijo no cinema iniciou-se em 1896. Já bem longa portanto. Nesse ano foi realizada uma versão cinematográfica de um sucesso teatral, "Widow Jones", na qual May Irwin e John Rice trocavam um demorado beijo, que colocou o filme como o primeiro de uma série de "chocantes". O escândalo foi enorme, e o sucesso maior. O clero protestou, e as salas de projeção lotaram-se...

É interessante notar que o sonoro não trouxe nenhuma contribuição ao beijo. Sua carreira não ficou prejudicada

«Quais são suas intenções, rapaz?» parece dizer Eve White a Marc Cramer. Exemplo clássico do beijo desconfiado!

ÊSSE IDIOMA UNIVERSAL: O BEIJO







com a inclusão de diálogos, e êle não sofreu modificações sensíveis. Verdade é que o cinema, graças ao "close-up", cada vez entra em mais íntimo contato com os atores.

Assim, o beijo cinematográfico não permite mistificações. Não é, como na convenção teatral, um simples encontro de rostos. O beijo cinematográfico é real: uma lição para os namorados modernos. E êles passam a imitar não apenas as atitudes dos "astros" de cinema, mas também a "técnica" de beijar de Errol Flynn ou Robert Taylor.

O beijo qualificado pela publicidade como "o mais longo registrado pelo cinema, foi, ou melhor, foram os apresentados por Cary Brant e Ingrid Bergman em "Interlúdio". As cenas de amor dêsse filme revelaram Hitchcock, até então apenas mestre do "suspense", um mestre da arte do beijo cinematográfico!

Para o diretor Samuel Fuller, realizador de "Picked up on South Street", ainda não estreado no Brasil, o beijo é uma conseqüência lógica e final de um ato de violência. Nessa película, Richard Widmark esbofeteia Jean Peters, mas sua mão volta ao rosto que êle acaba de bater numa carícia, e a cena termina num beijo que deixa o espectador estarrecido pela surprêsa.

O mais lânguido e sensual beijo de tôdas as fases do cinema foi Elizabeth Taylor e Montgomery Clift em «Um lugar ao sol». Antes, os lábios tremiam. Depois, a câmara circulava-os, envolvendo-os, como se os sufocassem...





Gregory Peck e Audrey Totter em grande ensaio experimental, em «A princesa e o plebeu».

Algumas vêzes o cinema tem procurado libertar-se do beijo convencional, procurando seguir uma linha de originalidade. Os beijos de Mel Ferrer em Leslie Caron no filme "Lili" constituem uma tentativa bem sucedida para fugir ao banal. Outro beijo original, original precisamente por sua selvageria, foi trocado por Maxwell Reed e Patrícia Roc em "Os irmãos".

Outras vêzes, o anseio de originalidade dos realizadores vai mais longe: em "Os saltimbancos", Elia Kazan fêz realizar uma tórrida cena de amor entre Terry Moore e Cameron Mitchell dentro das águas de um rio. Precisando que as águas frias não deveriam arrefecer o entusiasmo do beijo que os dois deveriam trocar...

O beijo já foi também aproveitado, com muita felicidade aliás, como efeito cômico. Um bom e recente exemplo é o beijo que Bob Hope recebeu de Jane Russell em "O filho do Treme-treme". No início do beijo, Hope levanta um pé do chão, e depois o outro, ficando pendurado ao pescoço da heroína, enquanto as esporas de suas botas começam a girar em boa velocidade... Em outra comédia de Bob Hope, "A cigana me enganou", o seu beijo tinha o efeito de romper as meias de "nylon". Mas quando êle beija Heddy Lamarr, as suas meias é que se rompem, e as de miss Lamarr ficam intactas...

(Continua na pág. 34)



Elexis Smith absorve, simplesmente, a Edmund O'Brien em «Tributo de Sangue».

NOVELA DAS IMAGENS

"CABELEIREIRO DAS ARÁBIAS"

ELENCO:

Mario	FERNANDEL
Aline	BLANCHETTE BRUNOY
Sra. Brochant	RENÉE DEVILLERS
Edmonde	ARLETTE POIRIER
Denise	FRANÇOISE SOULIE
Sr. Brochant	GEORGES LANNES
O médico	GEORGES CHAMARAT (da «Comédie Française»)

FICHA TÉCNICA:

Diretor	JEAN BOYER
Adaptação de uma comédia de P. Armont e M. Gerbidon de	JEAN BOYER
Diálogos de	JEAN BOYER
Música de	PAUL MISRAKI
Diretor de fotografia	CHARLES SUIN
Produção	«HOCHE PRODUCTIONS — (Ray Ventura)», para a França Filmes

ÀS vêzes tosquiador de carneiros e enfeitador de rabos de cavalo ou cabeleireiro de cachorros, em Marselha; penteador de bonecas em Paris, o ambicioso Mario (Fernandel), dotado de mãos e dedos hábeis, sua ambição era encontrar um meio de subir, subir. Sua espôsa Aline (Blanchette Brunoy), uma doce criaturinha do Norte, vê seu marido, não sem inquietude, instalar-se como cabeleireiro de senhoras em uma pequena tendinha do popular bairro parisiense de Batignoles, depois de haver-se decidido a abandonar sua terra natal.

Tôdas as criadinhas e mulherzinhas coquetes do bairro estão encantadas com êle. A suavidade de suas mãos é o segrêdo de seu êxito.

Certa tarde, uma grã-fina, Edmonde (Arlette Poirier) que desfrutava dos amplos favores de um rico protetor e que morava no mesmo edifício onde se encontrava o cabeleireiro Mario, encontrando-se em situação difícil, isto é, precisava sair para uma festa e não tinha tempo para ir ao seu cabeleireiro, decidiu, por sugestão de sua empregada, confiar seu adôrno capilar ao humilde cabeleireiro a quem todo mundo chamava de Mario. O toque delicado e as sábias massagens dêste fígaro impressionaram de tal maneira a Edmonde que esta rogou a terminar o penteado em seu apartamento.

Já em seu elegante apartamento, a bela cliente havia esquecido que aquêle dia esperava a visita de seu protetor, o rico industrial Sr Brochant (Georges Lannes). Efetivamente a uma hora avançada da tarde chega de repente o protetor de Edmonde e esta manda que Mario se esconda na pequena varanda, onde passa a noite no sereno.

Humilhado e furioso, Mario desce furtivamente pela escada de serviço, jurando vingar-se da afronta.

A situação é de arrepiar os cabelos, mas para um bom cabeleireiro tudo se resolve satisfatòriamente.

Certo dia refugia-se em sua tendinha a sra. Brochant (Renée Devillers), a qual pretendia provar a infidelidade de seu marido, com o objetivo de vê-lo sair do apartamento de Edmonde.

Mario tenta dissuadir a senhora, e com sua dialética exuberante que vem sempre anexar ao ofício de cabeleireiro, a convence de que o melhor caminho para recuperar seu marido é



Apesar das aparentes contradições, Mário ama realmente a sua espôsa Aline.



Mário de simples tosquiador torna-se um cabelereiro, dos mais disputados de Paris.

recuperar também um aspecto mais sedutor. Unindo a ação à palavra, põe mãos à obra; manda que a senhora sente-se numa cadeira e pouco a pouco sua cabeça fica transformada na de uma atrativa mulher, devolvendo-lhe as duas grandes armas do êxito feminino: a beleza e a juventude.

Com seu cabelo cortado, encantadora e desejável, volta a sua casa, fazendo imediatamente a reconquista de seu marido, que em seguida rompe sua união com Edmonde. Pouco depois, cheia de agradecimento a êste grande milagre da arte capilar de Mario, a senhora Brochant presenteia-o com uma luxuosa instalação em um dos locais mais movimentados e grã-finos dos Champs Elisées.

Seu nome cresce ràpidamente, pôsto que sua clientela conta em sua maior parte com senhoras que querem recuperar seus maridos e naturalmente o número dêles é infinito.

Inquieta e zelosa com tôdas as ricas clientes que assediam seu marido, Aline (Blanchette Brunoy) viu confirmadas as suas suspeitas no dia em que Edmonde vem armar a Mario um grande escândalo quando êste estava em seu salão, em pleno trabalho.

Efetivamente Mario depois de sua noite no sereno, na varanda do apartamento de Edmonde, havia jurado ter também uma amante que representaria sua potência econômica e a importância de sua qualidade, com o prazer malsão de ver-se um dia também chamado de «xuxuzinho», enquanto o «outro» passaria a noite no sereno!

Mario tranqüiliza com bonitas mentiras a sua espôsa, porém sucede algo com o que não havia contado . . . A senhora Brochant, que desde que foi «rejuvenescida» por Mario estava sempre rodeada de admiradores, está também prestes a adornar a respeitável cabeça de seu marido.

A filha da sra. Brochant, Denise (Françoise Soulie), uma jovem de 18 anos, vendo que perigava a união de seus pais, com o objetivo de evitar uma loucura de sua mãe, vem pedir ajuda a Mario, que evidentemente é o principal responsável pela nova situação.

Para conseguir seu propósito, Mario logra estragar a cabeleira do sedutor passando bem no centro de sua cabeça a máquina de cortar nº 0, abrindo-lhe, da testa à nuca, uma verdadeira estrada. Êste para não faltar ao encontro com a sra. Brochant, põe sôbre a cabeça um turbante. Mario entra em cena no tempo justo para pôr em ridículo o Don Juan, e ante os olhos espantados da sra. Brochant, tira-lhe de repente o turbante. A situação da sra. Brochant estava salva, porém a de Mario complicava-se, já que estava disposto a pedir o divórcio e casar-se em seguida com a filha dos Brochant, Denise.

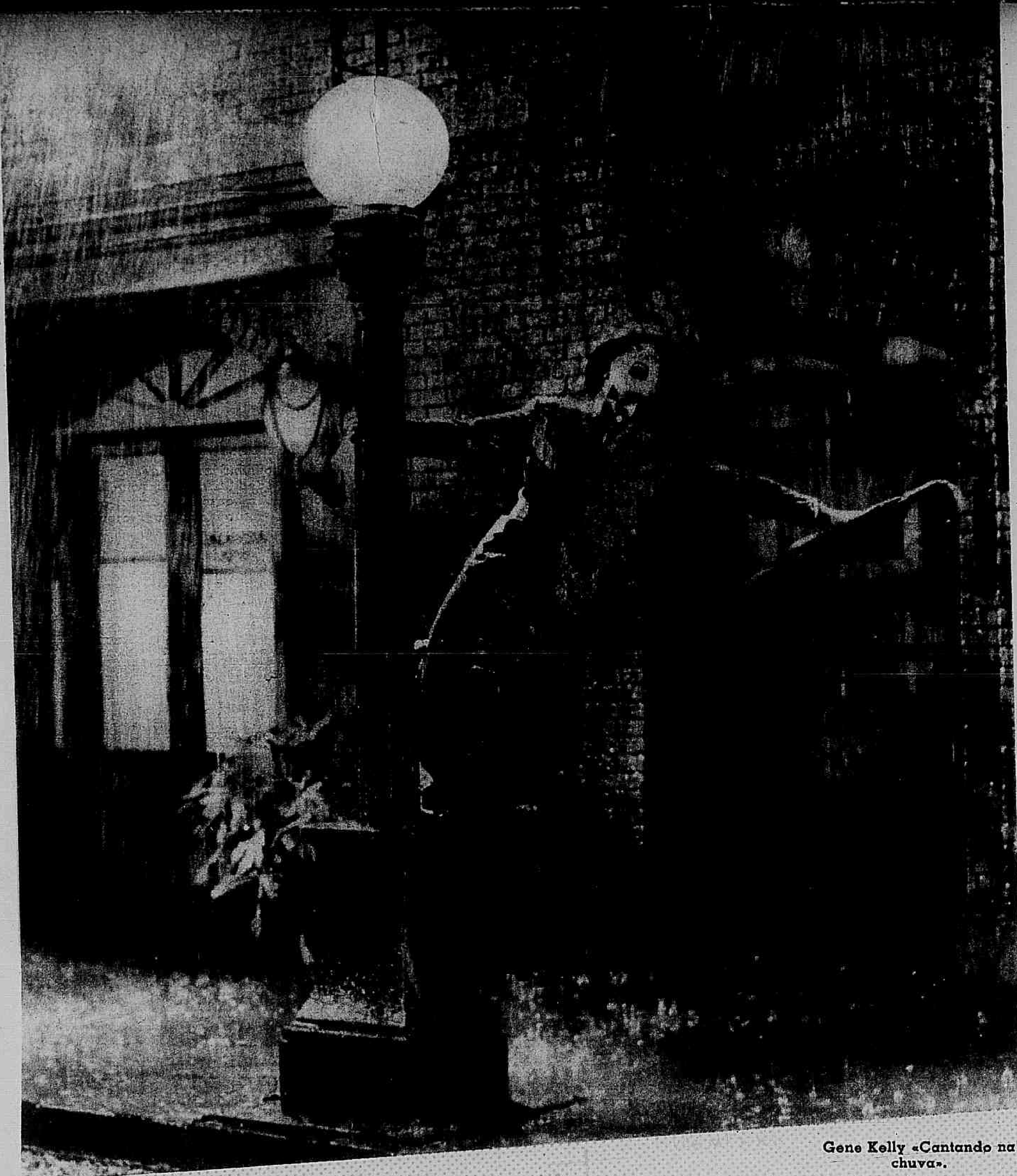
A menina, por sua vez, achava que Mario era um tipo interessante e não ocultava isso a ninguém, pondo em relêvo aquêle impulso de muitas jovens quando sentem entusiasmo por homens maduros.

A vaidade de Mario, que fê-lo mesmo crer-se o Imperador dos penteados femininos de Paris, já

(Cont. na pág. 34)



De cabelereiro à herói nacional. Mário recebe a «Legião de Honra», concedida pelo govêrno francês.



Gene Kelly «Cantando na chuva».

UM INOVADOR DO MUSICAL E DO BAILADO: GENE KELLY

L. BOLTSHAUSER,
(Exclusivo para «A CENA)

A história do filme musical americano pode ser dividida em dois períodos: a era anterior e a posterior a Gene Kelly. Como o Messias prometido para a humanidade, a chegada de Kelly representa um importante marco no desenvolvimento do gênero.

Na era pré-Kelly, a ação de um musical se desenvolvia obrigatòriamente nos bastidores de um teatro, onde os ensaios e os espetáculos justificavam a introdução de números de canto e dança na película. As fórmulas usadas não variavam: a modesta e desconhecida corista que se torna a principal figura do espetáculo substituindo a «estrêla» adoentada. Ou, então, o empresário pobre que consegue, com grandes sacrifícios, montar uma revista sensacional, obtendo êxito estrondoso. A essas histórias não faltava, é claro, um interlúdio romântico. Além da ausência de originalidade nos filmes, os mesmos ficavam prejudicados pela fragmentação a que se viam reduzidos, devido à inclusão forçada dêsses números musicais; e êstes se perdiam em meio à ação, não tinha o devido destaque, não



Para valorizar a sua grande qualidade, Gene Kelly emprega um elemento estático.



Um dos valores positivos de «Um americano em Paris» foi o emprêgo de reproduções de artistas franceses famosos. Ao fundo, uma tela de Rousseau.



Gene Kelly, ator, diretor foi o criador da coreografia de «An American in Paris».

UM INOVADOR DO MUSICAL E DO BAILADO

passando de meros números de «music-hall» filmados, prisioneiros entre os três cenários teatrais, e sofrendo tôdas as limitações impostas pelas dimensões do palco.

Quando assentaram a realização de um musical intitulado «A rua 42», resolveram convidar um jovem diretor de bailados da Broadway, Busby Berkeley, para ficar encarregado da parte coreográfica do filme. Foi êle o primeiro a compreender as possibilidades da expansão que o cinema oferecia ao gênero, criando bailados especiais para um filme, que não ficavam subordinados aos cenários ou à exiguidade do palco teatral. E assim, apesar da história convencional, «A rua 42» foi um filme interessante devido aos bailados de Berkeley e à liberdade da câmara, que passeava, pela primeira vez, entre as filas de coristas dentre as quais se podia reconhecer Ginger Rogers em sua primeira atuação para o cinema. Precisamente ela que, depois, faria carreira como par do dançarino Fred Astaire.

Com sua classe excepcional, Astaire forçou uma elevação de padrão do dançarino no cinema. Contribuiu para o desenvolvimento da coreografia cinematográfica, criando uma linguagem para a dança no filme. Faltava alguém que a colocasse em seu devido lugar, dentro da ação de uma película, ou seja, alguém que soubesse inserí-la numa história sem tornar sua presença ali forçada.

Êsse alguém foi Gêne Kelly. Impondo-se a princípio como bailarino de estilo seguro e discreto, cedo revelou-se também um coreógrafo de grande imaginação. Conquistou depois um papel de responsabilidade detrás da câmara. Colaborou com Stanley Donen na di-

Um momento coreográfico do «ballet» de «Um Americano em Paris».



reção de «Um dia em Nova York» e «Cantando na chuva», e com Vincente Minelli em «Sinfonia de Paris». A teoria de Kelly é de que, quando se faz um musical, o coreógrafo deve ter autoridade na realização. Assim, na elaboração de um filme, partir-se-á da música e do bailado para chegar à história, que será uma história-dançada e não mais uma história a servir de pretexto à apresentação de números de bailados. E Kelly conseguiu realmente êsse equilíbrio entre o enrêdo e a coreografia, pela primeira vez, em «Um dia em Nova York».

«Sinfonia de Paris» foi um trabalho muito mais ambicioso. Kelly escolheu para os bailados a música de um clássico americano — Gershwin. Em seguida, ousou irmanar dois estilos de dança, a clássica e a americana, e bailar vestido pelos impressionistas franceses, entre cenários inspirados nesses mestres

Gene Kelly e Debbie Reynolds da MGM.



da pintura. O resultado foi o melhor possível. Da associação do lirismo de Gershwin e da poesia simples de Kelly, da beleza da dança clássica e da expontaneidade e explosiva jovialidade da americana, com o toque dos impressionistas e da câmara de John Alton, surgiu um autêntico sucesso, que seria uma forma ideal de musical.

Em «Cantando na chuva», um hino à satisfação de viver, Kelly repetiu o êxito de «Sinfonia de Paris», numa linha mais simples. Seu bailado debaixo de chuva, é a mais genuína e expontânea manifestação de alegria e felicidade. Depois de «Cantando na chuva», Kelly realizou um filme na Inglaterra, àinda inédito no Brasil, exclusivamente sôbre dança clássica. Sôbre esta obra a crítica ainda não se manifestou; esperemos que Gene Kelly não se sinta aí como um peixe fora dágua.

Kelly tem sido o homem dos sete instrumentos, nessa atividade de síntese de todos os elementos que constituem um musical: diálogo, cenário, montagem, direção, interpretação, etc., podendo portanto ser considerado como o maior responsável pelo êxito de seus filmes.

Em cada novo trabalho, êle multiplica as possibilidades do musical, inventa, descobre efeitos prodigiosos. E sua obra apresenta a alegria mais pura, é a expontaneidade da juventude, um eterno sorriso, e uma perpétua primavera.



«Melba» que hoje é comentado nas Pré-Estréias do Festival está sendo também aguardado no Festival «Ballet», o 3º Festival Mundial de Filmes de Dança cujas inscrições estão sendo processadas para o público na Filmoteca Cultural, rua A. Alvim 33, 3º and.

FESTIVAL—BALLET

O produtor Cesareo Gonzalez, em simpático gesto, pôs à disposição do «Comité» do «Festival-Ballet» o seu belo filme colorido, com o famoso Antônio: «Flamenco»!



Pré-estréias do Festival

COBERTURA CRÍTICA DE JONALD, C. MAXIMIANO E SANIN

IV — CONTINUAÇÃO DOS NÚMEROS ANTERIORES

JORNADA NORTE-AMERICANA

Melba

Biografia da célebre cantora do século passado, produzida na Inglaterra trazendo na direção um famoso nome: Lewis Milestone. O famoso cineasta inclui-se entre os que atualmente vêm passando por uma fase desfavorável (Siodmak, Wellman, Hathaway), segundo a maioria dos observadores Milestone é, agora, mero instrumento nas mãos dos produtores, sem a oportunidade de repetir seus famosos trabalhos do passado. "Melba" é uma fita razoávelmente estruturada, devido ao cenário que escreveu Harry Kurnitz. E o diretor o dirige de forma a que as melhores coisas não se percam. Salvo quando se incluem os trechos de óperas, alguns dêles longos, como o de Lúcia de Lamermoor (que assume importância no filme por ser um ponto culminante na carreira da cantora). O diretor desenvolve um apreciável trabalho com trechos de seu estilo e alguma das suas idéias: a entrada de Melba no palácio da Rainha Vitória, que é a abertura do filme; o incidente com o primeiro admirador da futura cantora; a utilização de trechos de ópera orquestrados, como fundo musical, em momentos em que as personagens se referem às óperas. A primeira fase do filme é a melhor. Há um magnífico bailado em que a notável Violeta Elvin, do "Sadler's Wellss", com o conjunto, orquestra e côro revive a figura da imortal Taglioni, dançando "Robert The Devil", coreografia de Pauline Grant. O bailado tem unidade e bons efeitos de côres. Na segunda fase do filme aumentam os trechos de ópera e, infelizmente, não surgem mais "ballets". Declina, também, a conduta de Milestone embora, relativamente o filme biográfico, da famosa cantora do passado, Nellie Melba, ainda seja apreciável. Patrice Munsel, do Metropolitan Opera House, evoca Melba. Robert Morley a Oscar Hammerstein e Sybil Thorndike, em excelente caracterização, a Rainha Vitória. Os apaixonados da cantora são John McCallum (Charles, com quem se casa), Alec Clunes (César), John Justin (Eric). No elenco: Martita Hunt, Joseph Tomelty e outros. Bom o "technicolor" de Ted Scaife. A parte musical inclui trechos de mais de 15 óperas! Título original: "Melba", filme inglês, da Horizon, distribuição United.



Itália: «Lucrécia Borgia».



França: «Le Bon Dieu Sans Confession».

SUÉCIA NO FESTIVAL

3 ½ – "CORAÇÃO DE CRISTAL"

Esta película sueca pode ser apontada como um apreciável modêlo de narrativa cinematográfico e bom exemplo de direção. O interêsse despertado é uma prova dessa qualidade. Não é a curiosidade apenas "de enrêdo", mas a constante atenção que nos desperta o filme, em tôdas as suas cenas, desde o início. O diretor, Gustav Molander, conduz a película com precisão. Inicia-a muito bem, na cena do desâstre (embora se perceba perfeitamente o truque



França: «Os sete pecados capitais».

80 Pré-



França: «Rue de L'Estrapade».

técnico), passando pela imagem do protagonista, na mesa de operações, no leito do hospital, onde êle recorda o passado. Apresenta momentos ótimos como o da cabana; do primeiro beijo (em dois closes), ou a cena final. Trata-se de um tipo de história sensível e humana, com um fundo moral, e Molander apresenta-a em uma forma adequada, revelando sensibilidade e conhecimento. A interpretações são contidas e sóbrias. Os intérpretes, bem destacáveis são Hasse Ekmann, Gunn Wallgren, Eva Henning, Isa Quensel, Hugo Bjorne e outros.

A FRANÇA NAS JORNADAS

2 ½ — "LUCRÉCIA BORGIA"

Menos comercial do que se esperava esta nova Lucrécia Bórgia, em tecnicolor. Christian Jacque se esmerou, agora, em apresentar a reconstituição de Roma dos tempos dos Bórgia. Cenários magestosos, "décors" e vestimentas valorizados pelo colorido.

Para fazer funcionar os "décors" Jacque se utilizou de constantes passeios de câmara, alguns bem extensos como o da seqüência final. Isto, aliás, é característico na sua maneira de dirigir. Apresentou uma versão menos crua e grotesca do que aquela de Abel Gance, em 1935, a qual apresentava, ao mesmo tempo, incerto, aberrações e malícia. Lucrécia, vivida então por Edwige Feuillére, era apresentada não como uma dissoluta mas um mero instrumento nas mãos de seu facinoroso irmão César. Aqui Jacque, sugeriu um meio têrmo e não apresenta o cru naturalismo da primeira versão. Cinematogràficamente, "Lucrécia Bórgia" tem seus pontos positivos, em cenas como a do carnaval, especialmente naquele momento do cordão dos mascarados em tôrno de Lucrécia. Destaca-se também tôda a seqüência da narração que Lucrécia faz a seu marido Aragão, e a presença de Pedro Armendariz, uma das mais notáveis máscaras do cinema, no papel de César. Mas Jacque também termina seu filme em uma ocasião inoportuna, já que a narração deveria continuar. A primeira versão apresentava o exílio de Lucrécia. Esta termina com a morte de Aragão. Martine Carol não convence com esta Lucrécia de Jacque. Depois de Armendariz, destacam-se Massino Serato (Aragon), Valentine Tessier (Julie), Louis Seigner, Tânia Fedor e outros. Produção franco-italiana, distribuição Filmsonor para a França Filmes.

2 ½ — "MUSODURO"

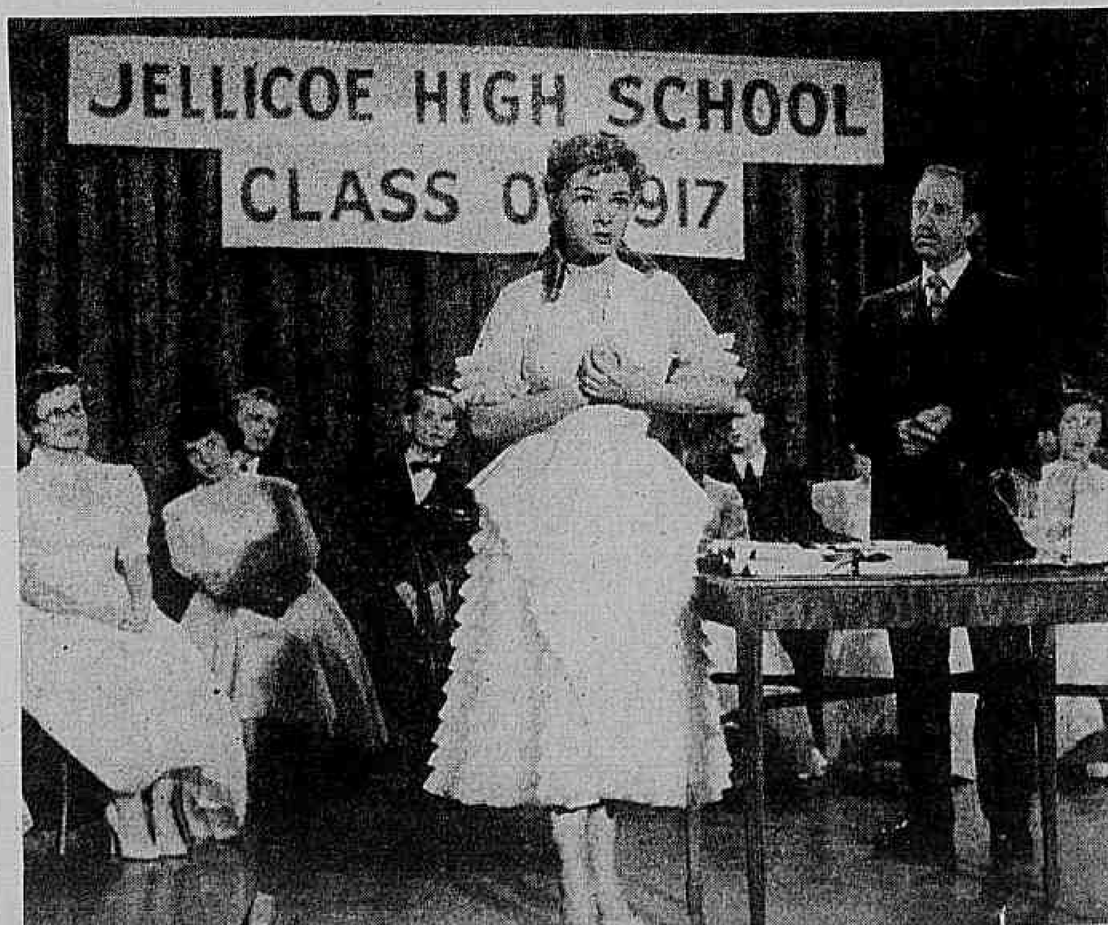
"Musoduro", (O Cara-Dura), possuia elementos para ser um filme de melhores qualidades. Para isto contribuiria a ótima fotografia em Ferraniacolor, onde a paisagem de Marisma, pobre região da Itália é-nos exibida e valorizada; a música alegre e adequada de Nino Rota; alguns tipos humanos e simples do romance de Luigi Ugolini do qual o filme foi adaptado. Isto para não falar de "acessórios": A beleza harmoniosa de Marina Vlady em, Lúcia, e de Cosetta Greco em Anita.

A história focaliza "Musoduro", um pobre camponês que, abandonando os trabalhos agrícolas e encontrando um cão, excepcional caçador, associa-se ao mesmo, e passa a fazer da caça clandestina sua profissão. A polícia florestal, especialmente um soldado, Rômulo (Gerard Landry), que disputa com Musoduro os amôres de uma jovem, Lúcia, põe-se a persegui-los. Êste é o fio da narrativa, cujo início agrada. A simplicidade e rusticidade de Musoduro associada à sua ingenuidade e pureza de sentimentos; a espontaneidade de Giulio Cali, em "Sapo"; a definição da maneira de das personagens; os diálogos, simples e autênticos; os problemas circunscritos ao cotidiano, fazem-nos esperar maravilhas. Mas, aos poucos, o objetivo principal da película centraliza-se no cão "Esperança" assumindo, então, características semelhantes aos da série "Lassie" apresentada, há alguns anos, ao público brasileiro. A presença de um guarda florestal deu ensejo aos adaptadores Fausto Tozzi e Giuseppe Bennati, de enveredarem por pista semelhante à dos "weterns", com as correrias a cavalo, perseguições e ardis em nada diferentes dos filmes dêste gênero. Os próprios personagens são, então, definidos dentro do esquematismo norte-americano. O mal, sintetizando todos os defeitos; o bom, o puro, perseguido injustamente. Não faltou um clássico "happy end". A bem dizer, uma feição italiana ao filme de "far-west".

A direção soube conduzir os atores com eficiência. Não se poderia fazer restrições ao trabalho diretorial de Biuseppe Bennati que, dentro do precário argumento, criou momentos de bom cinema, principalmente no primeiro têrço da película.

1 ½ — "OS CINCO BAMBAS"

Êste filme nada tem que o credencie como apto a representar a cinematografia alemã. Narra a história de um conjunto de músicos



Estados Unidos: «Gloriosa consagração».

estréias do Festival

de grande projeção na Alemanha de ante-guerra, denominado "Cinco Bambas". Apesar dos desentendimentos entre dois integrantes, que disputavam o amor da cantora do conjunto, o prestígio do grupo aumentava dia a dia.

Sobreveio a guerra e, em conseqüência, a dispersão dos músicos: um prisioneiro dos russos; outro exercendo a medicina; ela exilada nos Estados Unidos, etc. Mas a coincidência é o recurso fácil que usam os argumentistas medíocres para concluir uma história que, do contrário, não teria fim. Assim, um após outro, eis que lá estão reunidos, na mesma Berlim, que os consagrara, colhendo os mesmos aplausos.

O filme comporta inúmeros erros. Um dêles é o ritmo, totalmente inadequado, causando-nos a impressão de têrmos ouvido um disco de 78 rotações, executado em 33. Revela, por outro lado, a grande penetração dos ritmos populares norte-americanos no este da Alemanha e, também, a influência dos filmes desta procedência. Faltaram, entretanto, para que êste empreendimento se revestisse de sucesso, os recursos materiais que os norte-americanos dispõem para os grandiosos espetáculos, a fim de melhor atingir os objetivos a que se destinam — o de divertir com aparato. O que sempre temos entendido por "musical alemão" (e inúmeras provas nos deu o Festival), é o filme-opereta, conforme foi "O Vendedor de Passarinhos", no qual são verdadeiros mestres. Os números musicais são totalmente destituídos de imaginação. Justificam-no a presença da "boite" ou da estação de rádio, nas quais faz-se o desfile de melodias em nada extraordinárias. Um narrador, cronista dos feitos populares, sereno e preciso, girando a manivela de seu realejo inicia e encerra a película, trazendo-nos à memória "La Ronde" de Max Ophlus.



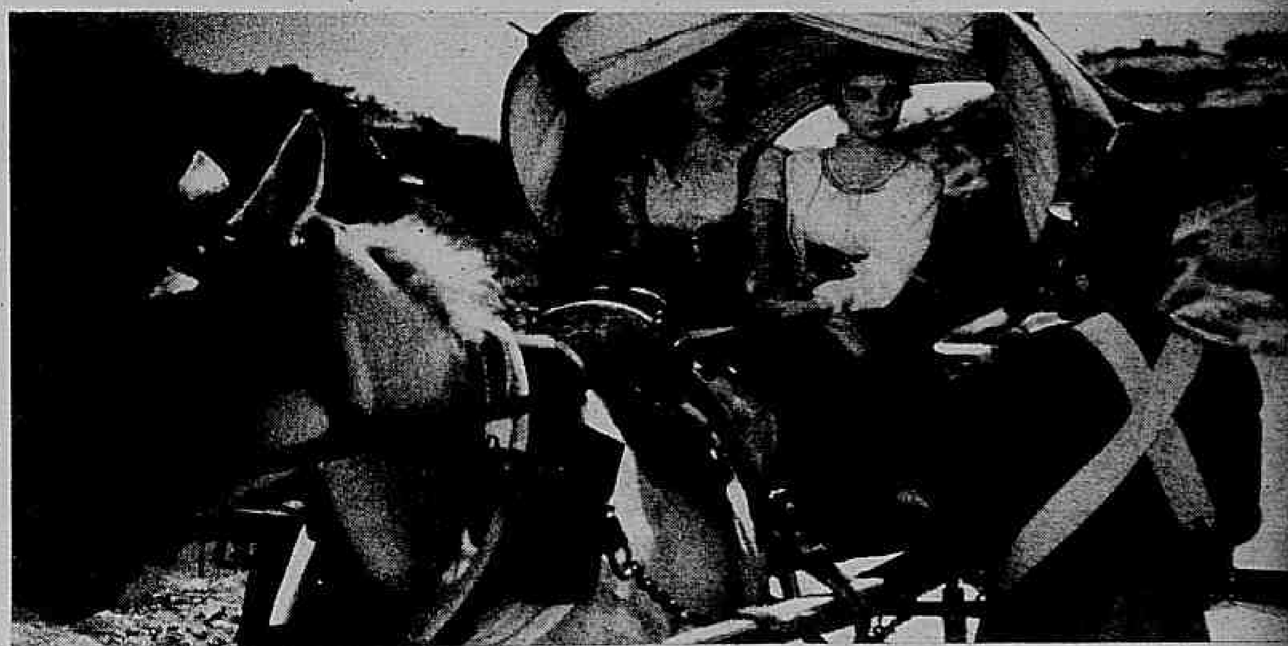
Itália: «Mizar».

2 — "GLORIOSA CONSAGRAÇÃO"

Película biográfica, conta aspectos da vida da cantora Grace Moore, vivida na tela por Kathryn Grayson. Apesar da famosa soprano ter-se consagrado ao gênero operístico foi, durante muito tempo, intérprete de música popular. É principalmente esta fase de sua vida que nos apresenta esta produção de Henry Blanck para a Warner. Incidiu o diretor dos números musicais em um êrro que se vem repetindo em vários musicais biográficos: a falta de composição íntima do tipo do biografado, além da ausência de fidelidade, na interpretação vocal. A Kathryn Grayson dêste filme é a mesma de "Barco das Ilusões" em todos os sentidos.

Um aspecto louvável do filme é a valorização do estudo sistemático e da tenacidade. Os professôres não se afiguram como personalidades caricatas que, via de regra, parecem viver na tela mais os cacoetes que o espírito das aulas. Por outro lado é uma advertência aos estudiosos de canto, em fase inicial, a fim de que escolham bons mestres. Fazemos esta ressalva pois entendemos que o cinema, como excelente veículo de informação que é, não deve negligenciar da sua missão educativa, por insignificante e acidental que seja.

Os números musicais são medíocres nada tendo de notável. Eventualmente aparecem personalidades do cenário musical norte-americano; entre elas a de George Gershwin. Direção de Gordon Douglas baseado em "screen-play" de John Montes Jr. No elenco: Merv Griffin, Joan Weldon, Walter Abel, Rosemary de Camp, Jeff Donnell, Douglas Dick, Ann Foran e outros. Título original: "So This is Love", Warners.



Espanha: «Pórtico da glória».



Itália: «Musoduro»

CARTAZES em REVISTA

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; e 0 — inqualificável.

ORIENTAÇÃO DE **JONALD, L. BOLTSHALSER** E **H. ANDERSEN** ★ EM SÃO PAULO: **C. MAXIMIANO**

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA EXIBIDA NO FESTIVAL DA METRO

3 — "A RAINHA VIRGEM"

«A rainha virgem» é, antes de tudo, uma história de amor. A época entra apenas para servir de pretexto à faustoso aparato cênico. A História comparece em citações marginais. As personagens ficam encarregadas de viver os papéis galantes ou antipáticos de uma trama rotineira. Estraindo-se a dose histórica — até certo ponto fiel à realidade, diga-se de passagem — resta o amor de uma adolescente por um homem maduro, amor não correspondido. Após as habituais ciumadas, o amado retribui-lhe o afeto mas o problema de consciência os separa: não era um homem livre. Intrigas palacianas e pomposas festas servem de recheio ao romance mas, ainda assim, tem-se a impressão de que o filme está sendo esticado, dado ao ritmo um tanto arrastado da narrativa. O máximo interêsse da película reside na presença sempre agradável de Jean Simmons. Com sua extraordinária beleza e grande talento, a atriz consegue valorizar tôdas as cenas em que aparece, numerosas felizmente. Compõe com inteligência e muita sensibilidade a jovem Bess apaixonada, mas Stewart Granger não lhe replica à altura, interpretando seu papel com a costumeira apatia. Charles Laughton reedita o seu Henrique VIII de há vinte anos atrás, com os mesmos gestos, mesmos trejeitos, mesma intonação de voz e satisfaz! Todos os demais componentes do elenco, inglêses em sua maioria, atuam com eficiência e discreção. E êsse equilíbrio com que se conduzem os intérpretes é precisamente a qualidade positiva do filme, mal servido de história e inexpressivamente dirigido por George Sidney.



Dêsse correto «cast» destacam-se, Guy Rolfe no vilão, a excelente Kay Walsh, como a ama de Elizabeth, Kathleen Byron, a «mulher má» do cinema inglês, e o sempre eficiente Cecil Kellaway. Título original: «Young Bess», uma produção M.G.M., exibida nos cines Metro. Conjunto regular.

PRÉ-ESTRÉIA DA SEMANA INICIADA EM 22 DE MARÇO

2 ½ — "A MARCHA TRIUNFAL"

Um dos muitos filmes analisados nas «80 Pré-Estréias do Festival». Foi julgado como regular: dois pontos e meio.

2 ½ — "ALERTA NO CAIRO"

Êste filme inglês foi minuciosamente comentado por C. M., em São Paulo, em janeiro p.p. Filme de espionagem, bem elaborado — com autêntica atmosfera— tem, entretanto, uma acentuação de diálogos que o torna sòmente regular.

PRÉ-ESTRÉIA DA PRÓXIMA SEMANA

1 ½ — "CHAMAS DO CAFEZAL"

Outro dos vários filmes que integram as «80 Pré-Estréias do Festival». Ainda desta feita não acertou a Multifilme pois o conjunto é fraco.

FILMES EXIBIDOS A PARTIR DE 15 DE MARÇO

4 — "PIGMALIÃO"

Também já comentado em A CENA, quando de sua re-apresentação em S. Paulo, é uma «reprise» que conserva todo o seu extraordinário sabor. Permite também, às novas gerações, conhecer um dos grandes atores de todos os tempos do cinema inglês: Leslie Howard.

3 ½ —"O PEQUENO MUNDO DE DON CAMILLO"

Numa adaptação da obra de Guareschi, Duvivier realiza uma expressiva obra no cinema. Sem preocupação de criar uma película cheia de virtuosismo apresenta, numa forma correta e simples, uma narrativa humana onde vencem a amizade e a solidariedade entre os habitantes de pequena cidade italiana. Fernandel interpreta magnìficamente Don Camillo, enquanto Gino Cervi, num dos seus melhores trabalhos é o prefeito da cidade. Há belas seqüências, inteligentemente arquitetadas, e momentos de comicidade. Entre o «cast», destaca-se a notável Sylvie, com sua classe de grande atriz. A boa fotografia se alia ao fundo musical de valor. «O pequeno Mundo de Don Camillo» será por certo o melhor espetáculo da semana. «Don Camillo», produção ítalo-francesa Rizzoli Amato, estreou no cinema Império.

2 ½ — "SEPULCRO INDIANO

Velho filme alemão, que estreou no Rio há uns quinze anos atrás, foi agora dublado em italiano e reduzido a hora e meia de projeção. Como era de esperar o desenvolvimento da trama ficou prejudicado. É uma história de marajás, amôres proibidos e intrigas palacianas. Há uma certa riqueza de cenografia e trajes, mas a história nada traz de original senão velhas receitas melodramáticas, co mo final de opereta onde a heroína se interpõe entre o amado e a bala destinada a êle, caindo mortalmente ferida e purgando assim as suas antigas culpas. La Jana, que se diz bailarina indiana, não apresenta nas suas coreografias nada que se indentifique com as danças clássicas e tradicionais da velha India, fazendo lembrar apenas a escola de G. Wisenthal. «Sepulcro Indiano», de procedência alemã, reprisado no cinema Rivoli.

2 ½ — "OS MAL ENCARADOS"

Eis uma película que merece a atenção dos que se interessam pelos «westerns» mais do que como um simples divertimento. É um «far-west» ao qual se procurou dar uma dimensão a mais além da comum em filmes do gênero. O argumento de David Lang, cenarizado por êle mesmo, é aproveitável, com certa dramaticidade, conteúdo psicológico e jogando



«O pequeno mundo de Don Camilo», grande desempenho de Fernandel.

com alguns elementos mais funcionais. Há uma tempestade de areia, uma cidade abandonada onde se desenrola grande parte da ação, e no final, uma certa ironia. Poderíamos ter uma película excelente se dentro de um esquema, nem muito modesto nem excessivamente ambicioso, caso do «script» de Lang, que é apreciável, fôsse melhor e a direção de Fred M. Sears. Porém, falta mais vigor e atmosfera. Assim temos um filme bem regular, com boa história e razoável interpretação. David Brian é o mais mal encarado e mais canastrão do elenco do qual fazem parte John Hodiak e John Derek, a mexicana Maria Elena Marqués e Ray Teal, êste o melhor do grupo. Música boa. A fotografia em «technicolor» é boa mas dispensável quanto ao colorido. Título original: «Ambush at Tomahag Gap», Columbia. (De C. M., em S. Paulo).

2 — "A NOIVA DO PAPAI"

É um musical provido de ingênua narrativa, trazendo à baila mais um romance musicado, fraco na sua exposição cinematográfica, com desinteressante cenarização. Desta feita June Haver, no seu último trabalho antes de entrar para o convento, ama Dan Dailey. Ela é uma dançarina, e incidentalmente, há os sonhos para maior apresentação de números coreográficos e canções. Êle é um desenhista, e para gáudio do espectador também sonha, mas com desenhos expressivos e sempre interessantes da companhia U.P.A. Para atrapalhar o romance e colocar algum sofrimento na película, há o filho de Dan Dailey que não concorda com o novo casamento do pai! Tudo se resolve a contento, neste gênero esquemetizado e convencional, surge quase inesperadamente a solução para o problema, e há o «happy-end». A direção é do prolífero e medíocre Richard Sale. «The Girl Door», da 20th-Fox, estreou no Vitória.

2 —. "SEMINOLE"

Budd Boetticher realiza êsse «western» que é uma mistificação histórica a respeito de índios dos Estados Unidos e os brancos que lhes vão usurpando as terras e limitando-lhes cada vez mais o espaço em que possam viver. Trata entretanto a película de expor uma velha fórmula cinematográfica essencialmente comercial. De um lado o Exército que trata, «pacificamente», da expulsão dos seminoles do território da Flórida. Do outro, há os índios seminoles. Dois elementos do Exército têm idéias opostas: um acredita no chicote; o outro, que vem a ser o herói, escolhe maior brandura no tratamento aos seminoles. O vilão trairá por certo a confiança dos índios, que em revanche atacarão. Essa é a parte de ação. Para completar há Barbara Hale que dividirá o seu amor entre o chefe dos seminoles (Anthony Quinn) e o valente oficial, apologista da brandura . . . Os índios sairão perdendo a terra, e seu chefe a mocinha, numa solução usual. «Seminole», da Universal International, estreou no cinema Palácio.

LANÇAMENTOS NOS BAIRROS (Registros)

«OS VALENTES NÃO CHORAM» — (Filme americano, da Columbia). Interpretações de Wayne Morris e Preston Foster. Filme de ação, estreado no Pax.

«NEGRO DE ALMA BRANCA» — (Filme argentino, distribuição Columbia). Desempenhos de Hugo Del Carril, Maria Rosa Salgado. Estreado no Alvorada.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

3 — **«CORAÇÃO INDÔMITO»** — Lançado, no ano anterior, no Rio, sòmente agora foi estreado em S. Paulo. Por não ter sido comentado, em 1953, em A CENA, o foi, agora, por C. M. «Michaell Powell e Emeric Pressburger, produtores e diretores inglêses, os criadores de «Sapatinhos vermelhos» e «Os contos de Hoffman», escreveram e dirigiram esta fita, baseada em um romance de Mary Webb, o qual mistura amor, superstição e tragédia. Possibilitou a feitura da obra, David O'Selznick, multimilionário produtor de grandes sucessos comerciais e que usa grandes elencos e diretores. Esta fita é menos grandiloqüente, embora inegàvelmente pretenciosa, e traz um elenco inglês encabeçado por Jennifer Jones, a qual vive bem a figura principal. Os diretores deram funcionalidade e certa beleza selvagem aos cenários exteriores e interiores através de uma excelente fotografia em «technicolor», jogando bem os elementos inanimados, e a paisagem. Secundando Jennifer Jones estão David Farrar, Cyril Cusak, Dame Thorndycke e outros, em nível bom». Título original: «The wild heart», RKO. (No Ipiranga).

OUTROS LANÇAMENTOS

2 1/2 — **«TRAGICA EMBOSCADA»** — Título original: «The savage». Direção de George Marshall, com Charlton Heston e Susan Morrow. Filme da Paramount, em «technicolor». (No Ópera).

2 1/2 — **«O MANTO DE SOLEDADE»** — Título original: «El rebozo de soledad». Direção de Roberto Gavaldon, com Pedro Armendariz e Arturo de Cordova. Filme mexicano apresentado pela Pelmex. (Cartaz do Bandeirantes).

Rádio

EDEL NEY

ERWIN WIENER — UM TCHECO NO RITMO DO SAMBA

Erwin Wiener, um dos recordistas de vendas dos discos Odeon, embora tcheco e sòmente chegado ao Brasil em 1946, é atualmente, um dos melhores solistas de nossa música popular. Assim como dominou a música popular européia, a ponto de vencer, brilhantemente, com menos de vinte anos de idade, um grande concurso instituído por uma emissora de Berlim, da mesma maneira, êsse notável mágico do teclado, assimilou a cadência feiticeira do nosso samba.

Apaixonado pelo Brasil, sua gente e, sobretudo, sua música, Erwin Wiener radicou-se em São Paulo, onde, durante muito tempo, se exibiu na Rádio Gazeta. Seu estilo inconfundível, cem por cento comunicativo, despertou a atenção de nosso povo, por sua vez, apaixonou-se pelo pianista estrangeiro que executa a nossa música de u'a maneira tôda nossa e, ao mesmo tempo, tão diferente.

Wiener nasceu na Tchecoslováquia, em janeiro de 1905, em Teplice Sanov. Desde criança enamorou-se do piano. Seu talento excepcional tornou-o conhecido muito jovem. Com trinta anos de idade, se apresentava na famosa Emissora Nacional de Lisboa, numa temporada que deveria durar dois meses e que levou quase um ano e meio, devido ao extraordinário êxito alcançado pelo pianista. Seu triunfo em Portugal levou-o aos mais destacados centros artisticos-culturais de tôda Europa. Não sòmente na sua Pátria, mas também, na Alemenha, Holanda, Suíça, Dinamarca, França, Marrocos, etc., Erwin Wiener ficou definitivamente consagrado através de suas exitosas "turnées".

Em 1943, Wiener era uma das grandes atrações da mundialmente conhecida B.B.C., de Londres. Demorou nessa emissora cêrca de um ano, e sua fama cresceu mais que nunca.

Depois em busca de novos horizontes, o artista insaciável tomou o rumo das Américas. Em 1946, como já dissemos, chegou à nossa terra e aqui permanece até hoje.

Contratado exclusivo da Odeon, já gravou para essa fábrica nada menos de sete discos, todos êles já legítimos sucessos de venda.

Eis os números de sua discografia: "Maringá" — "Peguei um Ita no Norte" — "Smoke gets in your eyes" — "I won't dance" — "Ninguém me ama" — "Não tem solução" — "Alguém como tu" — "Un peu d'Amour" — "Jambalaya" — "Moulin Rouge" — "Cock-tails for two" — "Lisboa" — "Vaya con Dios" — "Ragtime".

Além dos dois últimos discos acima apontados, Erwin Wiener deverá gravar, ainda êsse ano, uma série de músicas brasileiras de sucesso, bem como, algumas inéditas, em discos de rotação comum e "long play".

No momento, prepara-se para cumprir grande temporada em São Paulo, em rádio e boite.

Edwin Wiener exclusivo da Odeon ao piano





Maria Celeste entre o samba e o frevo optou pelo 1º.

DISCOS-NOVIDADES

EDEL NEY

ALFREDO RIBEIRO foi a melhor conquista do disco, em 1953, no setor de divulgação. A fonografia brasileira precisa de homens como êle, inteligentes e dinâmicos, nos seus postos de direção. Conhecido revistógrafo, cem por cento do teatro musicado, Alfredo sòmente há pouco se interessou pelas coisas do disco. Venceu, imediatamente, um concurso instituído pela Odeon, para contos infantis, coisa que nunca fizeram antes. Ganhou os cinco primeiros lugares. A estrelíssima Bibi Ferreira gravou-os encantada.

Os diretores da Colúmbia, que estão mais vivos que peixe dentro dágua, levaram-no, imediatamente, para seu Departamento de divulgação.

Já estreou como compositor de carnaval ("Mulher de cego"), e vem aí em grandes músicas para meio de ano.

●

SILVIO DE OLIVEIRA, que pertence ao "cast" de PRE-NENO, e que tem atuado com sucesso em São Paulo, ùltimamente, ao que tudo indica, será um dos futuros contratados do disco.

●

A já consagrada valsa "Ai, Lili", foi regravada em disco Carroussel, numa adaptação especial para as crianças. Na outra face, o conhecido número folclórico "Sapo Cururu". Esta chapa faz parte do Suplemento de Março, dos discos infantis Carroussel.

●

MARIA CELESTE, que foi um dos sentidos "forfaits" do carnavalesco. Foi brincar na sua terra, dançar o frevo até se acabar, para matar as saudades. Seus discos na Copacabana continuam tendo ótima aceitação. Por outro lado, Maria Celeste renovou, há pouco, seu contrato com as Associadas cariocas, o que vale dizer que ficará entre nós por mais dois anos. Aliás, a Maria não pretende voltar, já que assegurou a sua carreira, aqui no sul. Promete grandes novidades para êsse ano. Esperamos que abra a sua flor.

●

Por essas alturas, o grande cantor ORLANDO RIBEIRO, de São Paulo, já deve ter levado à cêra o samba "Benvindos, amigos", uma legítima saudação fraternal aos turistas que estão visitando a capital bandeirante, nos seus festejos do IV Centenário. O Felisberto Martins, diretor artístico da Odeon, deposita grandes esperanças nesse original samba.

Direção de "LONG-SHOT"

REVELAÇÕES

Crê-se que em qualquer ramo das múltiplas e heterogêneas atividades humanas, os valores novos que surgem no quadro de cada uma delas, devem ser estimulados. Se medíocre, há necessidade de criticá-los e ajudá-los num sentido construtivo para que êles mesmos possam encontrar o caminho da boa formação artística ou profissional; se revelam suficientes nos primórdios de suas carreiras, o estímulo deve partir de um conceito encorajador no prosseguimento da aplicação do talento demonstrado, em uma escala progressiva... Por vêzes, há os que se situam entre os dois extremos em que fatôres diversos imiscuem-se na carreira dos ditos e aliando-se ao lugar comum e ao aspecto criador, quando podem, conciliam ambas as partes. Este intróito é a propósito de alguns novos realizadores do cinema brasileiro que quantitativa e qualificativamente têm demonstrado suas possibilidades na difícil arte (e profissão, claro!) abraçada seja como produtor, diretor, argumentista ou cenarista cinematográfico. São êles: Alex Vianny, Carlos Thiré, Jorge Iléli, Carlos Manga, Osvaldo Sampaio, Rodolfo Nanny e Plínio Campos.

O primeiro, oito anos correspondente de «O Cruzeiro» em Hollywood, não deixou de fazer cursos cinematográficos em que abrangia produção, argumentação, cenarização e direção. Voltando ao Brasil continuou como crítico cinematográfico, inclusive em «A CENA». Com a suposta grande organização «Maristela», Alex incluiu-se entre os futuros homens do cinema naquela extinta emprêsa fílmica. Lá nada fêz, ao que parece. E pràticamente, o nome do Vianny em possíveis realizações cinematográficas era por enquanto utópicas. Até que a «Flama» foi buscá-lo. E ei-lo em atividade: sua primeira realização, «Agulha no Palheiro» revelou o valor de seu realizador, além de um autêntico «descobridor» de «estrêlas»: Dóris Monteiro e Glauce Rocha, esta uma demonstração de dramaticidade, posta a prova no «Rua sem sol». Esta última realização de Alex na direção, confirmou a fé que se pode ter no homem. Como argumentista, seus méritos já não se discutem, como dialoguista, idem; na cenarização, Vianny tem um acentuado senso do que é possível se fazer, pois há «Carnaval em Caxias» como contribuição.

Jorge Iléli é outro elemento de valor. Crítico da revista «Cigarra», estreou em co-direção ao lado do veterano Paulo Wanderley, na vigorosa produção «Atlântida», «Amei um bicheiro».

De A. Vianny, «Agulha no Palheiro», com Dóris Monteiro, distinguida entre outros novos que despontaram ùltimamente.





De Carlos Manga: «Nem Sansão nem Dalila», um dos novos analisados nesta página.

O que até então o produtor fazia em nossos estúdios, era completamente adverso do que verdadeiramente caracteriza a função «produtor». Iléli atualmente ocupa de maneira completa (e certa) tal cargo. «Carnaval em Caxias», igualmente, atesta a afirmativa.

«Luz apagada» pode ser considerado de antemão, um dos mais expressivos cartazes cinematográficos brasileiros do ano. Realizado sob o sêlo «Vera Cruz», o que por si só constituiria uma garantia, deve seu valor intrínseco à direção do novato no «metier», Carlos Thiré. Desenhista, decorador, advogado, cenógrafo (e humorista, por fim) seus méritos já lhe eram devidos. Interessante notar que «Luz Apagada», quando montada, verificou-se a exiguidade de tempo na projeção. A equipe voltou a Angra dos Reis e lá filmou cenas adicionais. No entanto, a continuidade da película é amplamente satisfatória. Como diretor, Thiré revelou-se de maneira positiva, pois o filme contém um conjunto de técnica e arte, razoável, e a própria condução dos atores é acertada. Pode-se depositar plenas esperanças na figura de Thiré. Osvaldo Sampaio estreou em colaboração a Tom Payne no magnífico «Sinhá Moça». Basta isto para concebermos as reais possibilidades de Sampaio, como diretor e cenarista também. Não é sem outra razão, que sua próxima realização, «A Estrada» encontra-se entre as mais ambiciosas produções «Vera Cruz», no que se refere à qualidade artística...

«O Saci» revelou um diretor com instinto psicológico. O assunto, fascinante, aventuroso, belo, sumamente dirigido aos jovens e crianças brasileiras, como de resto, foi a quase total obra de Monteiro Lobato, na adaptação para o cinema, haveria de ser conduzida num sentido eminentemente não cansativo às platéias miúdas, apesar das imagens... E Rodolfo Nanny, soube fazê-lo. Sendo um estreante, não podemos deixar de regatear-lhe nossos aplausos. Deve ser difícil realizar um filme dirigido às crianças, e como tal, o sr. Nanny mostrou-se à altura. Acrescente-se o fato de ser a primeira realização, talvez no mundo, dêste gênero (não confundindo com o desenho animado). O sr. Carlos Manga no curto espaço de 1 ano e meio foi assistente de direção em «Amei um bicheiro»; coreógrafo em «Carnaval Atlântida», diretor estreante em «A Dupla do Barulho» e «Nem Sansão nem Dalila». Muita atividade para pouco rendimento. Com a defecção de Watson Macedo, a princípio, e mais tarde, de J. Carlos Burle, dos estúdios «Atlântida», a emprêsa tinha que apelar para alguém de confiança a futuras produções. No caso, Manga foi então elevado à categoria de diretor. Sua estréia como tal não revelou nenhuma sombra de um possível inovador. Admite-se que tenha algum talento e com certeza, premido por circunstâncias alheias, não o revelou. «A Dupla do Barulho» nada mais foi do que um «pastiche» de fitas anteriores da mesma «Atlântida». Ela repetia-se em velhos chavões batidíssimos e êle nada acrescentou, igualmente. A própria trama dramática do desenvolver da história chocava-se lamentàvelmente com o espírito que aparentemente devia ter a fita e a desconexão de situações e personagns, revelara-se falha, como bem demonstra a marcação dos personagens. Em tempo: a história foi do sr. Vítor Lima... «Nem Sansão nem Dalila» teve o argumento de Vítor Lima (mais uma vez) e Carlos Manga. A idéia não é original, mas tratando-se de realização nacional, devia ser curioso até que ponto a paródia foi le-

(Cont. na pág. 34)

Página do leitor. . .

(Continuação da pág. 33)

vada. Confesso que se ri, e bastante. E não havendo nunca um clima de intolerância ao jovem realizador, ainda não podemos avaliar o que de talento, realmente, deve possuir. Admite-se que esta película seja superior a "A Dupla do Barulho", em alguns pontos. Mas ainda assim, não descremos no Manga. Sua oportunidade deverá aparecer, quando não tiver histórias do Vitor Lima a filmar. Êle encontra-se entre os dois extremos.

Quanto ao sr. Plínio Campos, se outros valores não possui em "A Carne é o diabo", em que pese, confesse-se, deficiente realização, contém ainda assim seus bons momentos, de autêntica comédia que faz rir, não pelas piadas que se ouvem, e sim, pelas situações que se criam. . E como tal, o sr. Campos saiu a contento como estreante na nobre profissão. . . Eis, portanto, a modesta crônica dos novos e mais representativos valores, obedecendo, é evidente, àquela escala de revelações do nosso prólogo. O tempo dirá, outrossim, até que ponto temos razão. Esperemos.

IVAN RIBEIRO DE SOUZA

OS PAMPAS E O CINEMA NACIONAL

Em fins de 1949, de norte a sul do Brasil um só grito apoteótico trepidava infinito, em rasgos de reportagens. A imprensa especializada aplaudia a iniciativa de um grupo de capitalistas da propulsora São Paulo que, mais uma vez, seguia a já rotineira vanguarda inovadora, ultimando as instalações dos maiores estúdios cinematográficos da América Latina. Nesse clima de incertezas nasceu a "Cinematográfica Vera Cruz", menina ainda inexperiente a pobrezinha labutou, esperneou, mal orientada "financeiramente" deu o que pôde até quedar-se exausta, pedindo socorro. E Deus queira que a ouçam os "*super-homens*" da indústria, pois ela bem merece uma segunda-tentativa.

"É AGORA A VEZ DO GAÚCHO"

Na mui leal e valorosa — um conhecido radialista "Josué Favaro", ao lado de outros esforçados batalhadores, pôs-se em campo tornando realidade a velha aspiração do povo gaúcho. Curioso é observar que esta companhia, nascendo do nada, em um pequeno espaço de vida vem impondo-se à admiração geral, não só no Rio Grande do Sul como nos demais Estados da Federação. Com seu novo documentário "O Parque", logrou projetar-se no cenário internacional. Na mesma época e espaço para gáudio nosso, representando o esfôrço patriótico, o dinamismo de um povo erótico à apreciação do mundo, inegàvelmente a "Guaíba Filmes", de Pôrto Alegre, estabiliza-se aos poucos. Outra companhia brasileira jamais conseguiu, considerando a precariedade do material técnico e humano, a inexistência completa de uma estrutura financeira, as dificuldades em captar de início a confiança de acionistas ou, ainda, possíveis financistas. Tornou-se a "Guaíba" um exemplificante campo de provas, onde os interêsses particulares tão fáceis e de lucros certos eram corajosamente desdenhados e esquecidos por aquêles homens que a qualquer preço tinham de fazer cinema.

Se, de fato, o conseguiram, resta-nos aguardar o resultado do "Festival Internacional do Cinema" realizado na capital paulista. Até lá, estaremos na expectativa enquanto homens de visão inconfundível julgam "O Parque" que, na minha opinião, bem merecia o pomposo título de "O Produto da Coragem" dadas as circunstâncias em que foi rodado. Não foi exibido entre nós porque procurava-se evitar o desdém de uma obra que se, por ventura, não fôsse ao êxito estaríamos sem o mínimo vexame de uma instável divulgação antecipada. E o que de mais importante se observa nesta novel produtora é a preocupação constante em ampliar-se a si mesma. Anexa a escola "Mário Hornes de rádio-teatro televisão e cinema; fabrica seu próprio material humano. Não descurando em renovar seu quadro de mestres, a "Guaíba Filmes" foi buscar no Rio a técnica colaboração de Silva Ferreira. Elemento da mais ampla capacidade, com longa estada na Europa, vem, assim, preencher uma lacuna que se fazia sentir em alto relêvo, principalmente no que concerne a direções artísticas, é mais um passo de gigante, mais uma prova autêntica do retumbante futuro à espera desta adolescente que muito fará pelo amanhã cinematográfico brasileiro.

R.R. QUEVEDO (Pôrto Alegre)

As novelas das imagens. . .

(Continuação da pág. 21)

não tem limites e muito mais quando pela mediação de suas relações com Denise, o sr. Brochant em agradecimento a Mario por estar disposto a casar-se com sua filha, consegue-lhe, por sugestão de sua espôsa, uma condecoração pela Legião de Honra.

Mario havia tomado tôdas as precauções necessárias para a dupla notícia: do seu divórcio e do seu próximo casamento, para que não deixassem fulminada a sensível Aline, quando esta ouvisse a notícia.

Durante a festa que se realiza para sua condecoração, todos os preparativos de Mario, inclusive chama um médico para socorrer sua espôsa no momento crítico, resultam inúteis porque Aline recebe as notícias com tôda a tranqüilidade e, pelo contrário, a ironia e a frieza de sua mulher proporcionam ao Figaro um tal sobressalto cardíaco que o médico (Georges Chamarat), que estava preparado para auxílio a sua espôsa, vê de repente uma possível paciente transformar-se num paciente!

Êste incidente imprevisto nos cálculos do ambicioso Napoleão capilar, lhe faz ver mais claramente a realidade e compreender que de fato não só Denise era uma criança sem juízo como também que amava imensamente a sua doce espôsa Aline, companheira inseparável dos momentos felizes e infelizes de tôda a sua vida conjugal.

Mario volta à sua espôsa, depois de haver feito com que a sra. Brochant voltasse à seu marido e a jovem Denise à sua juventude . . .

Êsse idioma universal. . .

(Continuação da pág. 19)

O sucesso do beijo fêz com que êle conseguisse adeptos até no cinema oriental. No velho cinema japonês, o beijo era estritamente proibido, e o público de Tóquio, para vê-lo na tela, devia freqüentar cinemas especiais, onde só se exibiam filmes estrangeiros. E a afluência era grande. Hoje, em "No bosque", há um beijo quase selvagem que coloca o cinema japonês em previlegiada posição, também nesse setor. .

Agora, depois de vencer a crise do sonoro, o beijo entrará por certo com o pé direito na era das três dimensões. . E também é muito provável que continuará sempre o mesmo. Pois o beijo já é uma "arte" completa. E como a palavra nada lhe acrescentou, que contribuição poder-lhe-á trazer o relêvo?

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . . .

NOME. . . . .

RUA. . . . . Nº. . . . . .

CIDADE. . . . .

ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

QUÉDA DOS CABELOS

Calvície precoce

JUVENTUDE ALEXANDRE

Juventude Alexandre — Beleza e Vigor dos Cabelos

INSUPERÁVEL

Há cinqüenta anos

Renato de Alencar — Quer ser escritor?

QUER SER ESCRITOR?

Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.

★

Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro.

Preço: Cr$ 50,00.

Vultos heróicos femininos e. . .

(Continuação da pág. 15)

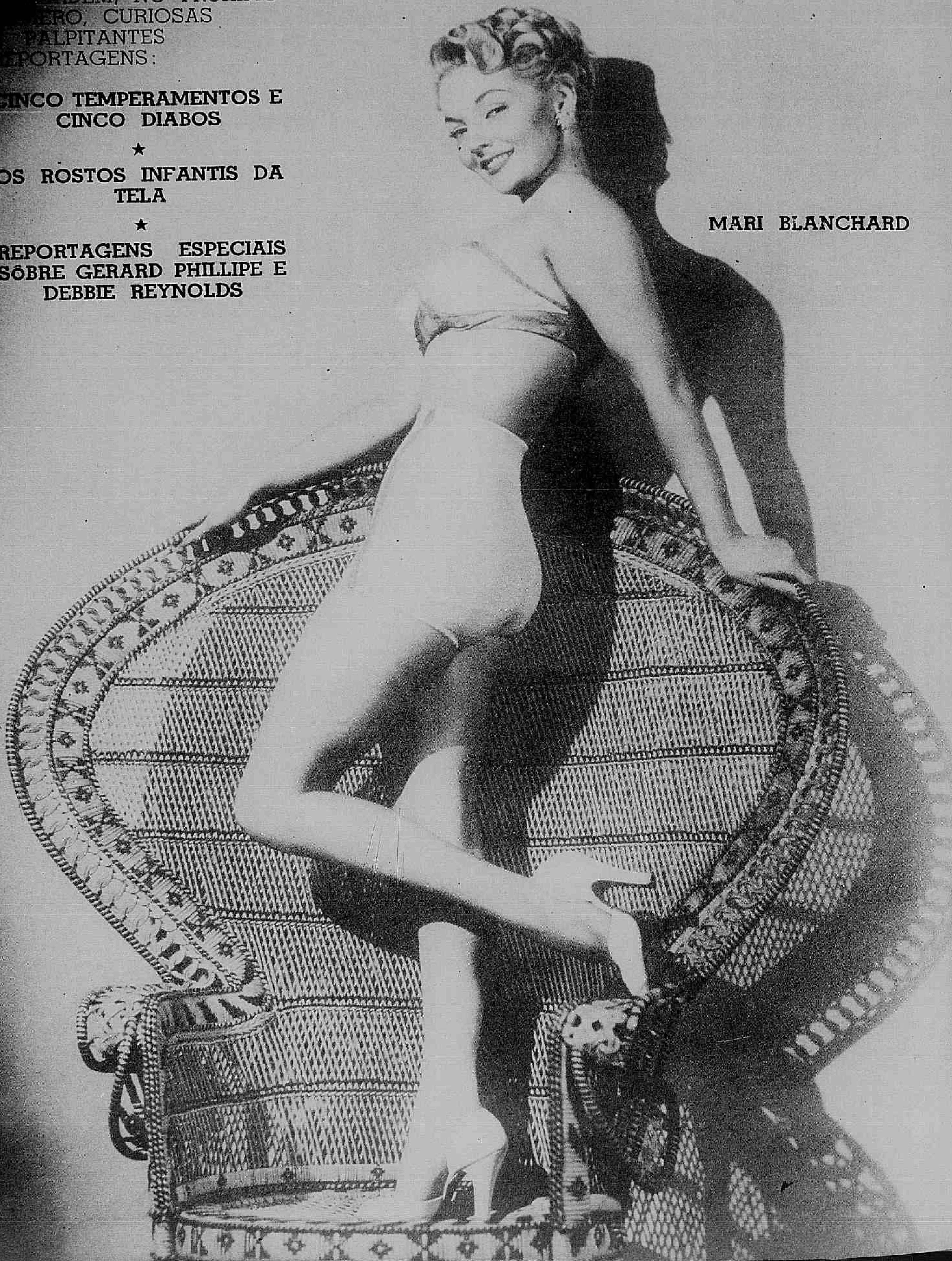
tela algo desgracioso. . . Foi consultado o professor Etienne Bernard, que é irmão do realizador Raymond Bernard, que revelou que os realmente tuberculosos, os gravemente enfermos não tossem. . , e Micheline assim sem trair a verdade, poderá permanecer sedutora até a morte!

As antigas Marguerite, que tanto se esforçaram nas cenas finais, serão substituídas pela inovadora Micheline.

Uma figura de lenda que nos apareceu dezenas de vêzes, com uma aparência bem diversa foi Robin Hood. Cornel Wilde, Errol Flynn ou Richard Todd? Qual dêsses será o preferido? e qual permanecerá em nossa mente como o verdadeiro Robin ou. . . quem sabe nenhum dêles nos tenha impressionado e aguardamos ainda um ator que terá seus moldes exatos àqueles que tenhamos criado para ô herói legendário?

Talvez as figuras que permanecem na nossa mente, sejam aquelas que guardam dentro de si um certo calor humano, que aspiram algo que aspiramos, que sofrem como sofremos, que amem, que riem e que choram como verdadeiros sêres humanos e que não tomam atitudes convencionais de verdadeiros manequins, dêstes que nada significam e que passam e caem no esquecimento. Esquecimento completo.


MM-7



ARDEM, NO PRÓXIMO
ERO, CURIOSAS
PALPITANTES
EPORTAGENS:

CINCO TEMPERAMENTOS E CINCO DIABOS

★

OS ROSTOS INFANTIS DA TELA

★

REPORTAGENS ESPECIAIS SÔBRE GERARD PHILLIPE E DEBBIE REYNOLDS

MARI BLANCHARD